



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

ILANA MARIA BITTENCOURT MARTINS

PEDAGOGIA DO CARNAVAL:
AS INTERFACES ENTRE O CARNAVAL E A ESCOLA

RIO DE JANEIRO, 2020.

ILANA MARIA BITTENCOURT MARTINS

PEDAGOGIA DO CARNAVAL:
AS INTERFACES ENTRE O CARNAVAL E A ESCOLA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção de grau do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Rio de Janeiro, 04 de novembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Patrícia Baroni
UFRJ

Profª. Dra. Graça Reis
UFRJ

Prof. Dr. Pedro Bicalho
UFRJ

Carnavalesco Clebson Prates



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos 04 dias do mês de novembro de 2020, com base na Resolução CEG nº 02, de 15 de abril de 2020, reuniu-se em sessão remota, que foi gravada, a Banca Examinadora da Monografia intitulada: **PEDAGOGIA DO CARNAVAL: AS INTERFACES ENTRE O CARNAVAL E AS ESCOLAS**, de autoria da graduanda **ILANA MARIA BITENCOURT MARTINS**, DRE **114008079**, do Curso de Licenciatura em Pedagogia. A Banca, participando por videoconferência, foi constituída pelos professores: Pedro Paulo Bicalho, Graça Reis e Patricia Baroni, esta na condição de orientadora e presidente da sessão. Às 17h, a sessão foi aberta, convidando-se à candidata a fazer breve exposição sobre a monografia em julgamento e concedendo-lhe o prazo máximo de 20 minutos. Finda a exposição, passou-se a palavra aos participantes da Banca Examinadora, esclarecendo-se que cada um deles dispunha de até 10 minutos para sua arguição e que a candidato(a) dispunha do mesmo tempo para as respostas. Ao final da arguição, a Banca Examinadora analisou e decidiu reservadamente sobre a Monografia apresentada. A seguir, a presidente comunicou que a Banca Examinadora considerou a monografia **APROVADA** com a nota **10 (dez)**. A presidente da Banca Examinadora deu por encerrada a sessão às 18h30h. E, para constar, eu, Patricia Baroni, lavrei a presente ata que foi assinada por mim representando todo os membros da Banca e a candidata.

Profa. Dra. Patricia Baroni – orientadora

Prof. Dr. Pedro Paulo Bicalho – Membro da Banca

Profa. Dra. Graça Reis – Membro da Banca

Ilana Maria Bittencourt Martins – candidata

Patricia Raquel Baroni

Nome completo do orientador(a)

Presidente da banca



Dedico este trabalho às minhas três Marias, Maria Angelina,
Tania Maria e Barbara Maria, obrigada por tudo que vocês fizeram por mim.

AGRADECIMENTOS

Eu começo agradecendo, primeiramente, a mim.

Preciso me agradecer por não ter desistido e por ter conseguido chegar até aqui.

Às minhas Marias: dedicar a vocês não foi o suficiente. Preciso agradecer por todo o apoio e incentivo ao longo desses anos.

Ao meu pai, Cristóvão, que me ensinou, mesmo que indiretamente, a nunca deixar de sonhar.

Ao meu cunhado-irmão, Raphael e ao meu afilhado Guilherme, que foram dois presentes que eu ganhei nessa vida. Às minhas amigas de longa data, Roberta Pestana e Priscila Uno.

Ao Vinícius, que tem sido meu parceiro trazendo humor nos momentos que eu mais preciso.

Ao “Bloco Que Pena, Amor” que compartilham comigo o maravilhoso carnaval de rua.

À Graça Reis, que tem sido uma fonte de inspiração e generosidade, toda a minha gratidão a você. Aos grupos de pesquisa-extensão Conpas e Ecologias do Narrar. Às amigas do Ecologias do Bar. À Rithianne, obrigada por me acompanhar nessa jornada.

Aos meus web-amigos por toda a “antropologia de janela” que temos compartilhado.

Ao Lu e Leo, vocês são o melhor combo de amigos que uma universitária poderia ter.

Aos amigos da FE, que fizeram parte dessa trajetória: Grazi, Ana Bia, Tassi, Duds, Elizama, Fred, Evelyn, Sophia, Fabi, Amanda Déa, Marcella, Emilia, Pedro, Ju Vieira, Bella e Camila.

Ao pessoal do Sujinho, o João, a Helena e a Márcia (saudades).

As professoras que passaram por essa jornada. Com carinho para: Ana Paula Abreu, Nubia, Muanis, Silvina, Dani Patti, Deise, Dani G, Regina Celi, Adriana, Janet, Vânia, Juliana. Bruno G, obrigada pelo empurrão que você me deu lá no início.

Aos técnicos que se dedicam diariamente a tentar facilitar a vida dos graduandos.

Agradeço a Isabella Ramos e ao CIEP Graciliano Ramos pelas portas que abriram para mim e todo acolhimento a partir disso. A Marilene Monteiro, diretora da Escola de Bamba. À Escola de Bamba e a Escola de Samba Mirim Corações Unidos do CIEP. Ao Clebson Prates, da Pimpolhos da Grande Rio.

E por último, e uma das mais importantes, minha orientadora Patrícia Baroni, que me deu a mão e me levou para caminhar junto com ela. Eu ganhei uma amiga para a vida toda.

O caminho não foi fácil, mas deu samba.



1. Carnaval 2018. Fonte: Fotógrafos Foliões.

O poder requer corpos tristes. O poder necessita de tristeza porque consegue dominá-la. A alegria, portanto, é resistência porque ela não se rende. A alegria como potência de vida nos leva a lugares onde a tristeza nunca nos levaria.

Gilles Deleuze

RESUMO

MARTINS, Ilana. *Pedagogia do carnaval: as interfaces entre o carnaval e a escola*. Rio de Janeiro, 2020. Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

A monografia intitulada *Pedagogia do Carnaval: as interfaces entre o carnaval e a escola* se dedica a investigar a potência das práticas educativas em uma unidade escolar localizada no bairro de Jardim América, Rio de Janeiro. Início a pesquisa apresentando as motivações para a pesquisa, partindo de uma escrita autobiográfica. Em seguida, trago uma breve história do Carnaval, do desfile das escolas de samba no Rio de Janeiro, das escolas de samba mirins e do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Corações Unidos do CIEP. Como perspectiva metodológica optei pela pesquisa narrativa (CONNELLY & CLANDININ), pelo uso de imagens como narrativas (ALVES & OLIVEIRA) e pela pesquisa com os cotidianos (ALVES & OLIVEIRA). Entendo as narrativas como fontes de conhecimento que potencializam a pesquisa a partir das experiências e das trocas que são perpassadas nos cotidianos das escolas e no carnaval. Apresento as redes que são tecidas no CIEP Municipalizado Graciliano Ramos com o GRCEM Corações Unidos do CIEP, experimentadas durante as visitas na escola, as conversas com os *praticantespensantes* da pesquisa, a participação no Baile de carnaval da unidade Escolar, nos ensaios para o desfile e no desfile em si. Entendendo o carnaval como um espaço importante de formação sendo entrelaçado com a cultura, contexto histórico e movimento educador, a pesquisa tem como objetivo geral, tecer outros olhares sobre o processos educativos, partindo das narrativas e dos cotidianos dos *espaçotempos* das escolas e do carnaval, elencando as práticas e táticas que são desenvolvidas com a escola. Concluo o texto apresentando a Pedagogia do Carnaval, elencando as reflexões tecidas a partir das muitas práticas educativas vivenciadas durante a pesquisa.

Palavras-chave: Carnaval; Narrativas; Cotidiano; Escola

Lista de Imagens:

1. Carnaval 2018. Fonte: Fotógrafos Foliões.
2. Carnaval 1998. Fonte: Arquivo pessoal
3. Carnaval 1996. Fonte: Arquivo pessoal
4. Ensaio Casinha_Lab. Fonte: Luciana Ribeiro
5. Terreirada Cearense. Fonte: Arquivo pessoal
6. Bloco que pena, amor 2020. Fonte: Lilo Oliveira
7. Bloco que pena, amor 2018. Fonte: Rithyele Dantas
8. Boi tolo 2019. Fonte: Antonio Escorel
9. Corações unidos do CIEP visto de cima. Fonte: Arquivo pessoal
10. Corações unidos do CIEP visto de cima 1. Fonte: Arquivo pessoal
11. Corações unidos do CIEP visto de cima 2. Fonte: Arquivo pessoal
12. Ala das baianas. Fonte: Arquivo pessoal
13. Puxadores do samba. Fonte: Arquivo pessoal
14. Espectadores. Fonte: Arquivo pessoal
15. Mapa Jardim America. Fonte: Google Maps
16. O samba-enredo. Fonte: Rio.rj.gov.br
17. O samba-enredo 1. Fonte: Rio.rj.gov.br
18. Bandeira Corações Unidos do CIEP. Fonte: Wikipedia
19. Barracão. Fonte: Arquivo pessoal
20. Barracão 2. Fonte: Arquivo pessoal
21. Baile de carnaval. Fonte: Arquivo pessoal
22. Baile de carnaval 1. Fonte: Arquivo pessoal
23. Baile de carnaval 2. Fonte: Arquivo pessoal
24. Baile de carnaval 3. Fonte: Arquivo pessoal
25. Baile de carnaval 4. Fonte: Arquivo pessoal
26. O ensaio. Fonte: Arquivo pessoal
27. O ensaio 1. Fonte: Arquivo pessoal
28. O ensaio 2. Fonte: Arquivo pessoal
29. O ensaio 3. Fonte: Arquivo pessoal
30. O ensaio 4. Fonte: Arquivo pessoal

31. O ensaio 5. Fonte: Arquivo pessoal
32. O Desfile. Fonte: Arquivo pessoal
33. O Desfile 1. Fonte: Arquivo pessoal
34. O Desfile 2. Fonte: Arquivo pessoal
35. O Desfile 3. Fonte: Arquivo pessoal
36. O Desfile 4. Fonte: Arquivo pessoal
37. O Desfile 5. Fonte: Arquivo pessoal
38. O Desfile 6. Fonte: Arquivo pessoal
39. O Desfile 7. Fonte: Arquivo pessoal
40. O Desfile 8. Fonte: Arquivo pessoal
41. O Desfile 9. Fonte: Arquivo pessoal
42. O Desfile 10. Fonte: Arquivo pessoal
43. Bandeira Pimpolhos da Grande Rio. Fonte: Wikipédia
44. CIEP. Fonte: Arquivo pessoal
45. CIEP 2. Fonte: Arquivo pessoal

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO: O CARNAVAL E EU | 10 |
| 1 O CARNAVAL E A HISTÓRIA | |
| 1.1 Uma festa popular no Brasil..... | 19 |
| 1.2 Salvar os grandes, também os pequenos: as escolas mirins entram na passarela.. | 21 |
| 1.3 Diga, espelho meu, se há na avenida alguém mais feliz que eu: um pouco da história das escolas de samba..... | 24 |
| 1.4 Corações unidos na Sapucaí: história da G.R.E.S.M. Corações Unidos do CIEP. | 27 |
| 1.5 Carnavalês..... | 29 |
| 2 O CARNAVAL E OS COTIDIANOS | |
| 2.1 Narrar a vida a partir do carnaval..... | 30 |
| 2.2 Pesquisa narrativa..... | 32 |
| 2.3 Imagens como narrativas..... | 34 |
| 2.4 Pesquisa com os cotidianos..... | 35 |
| 3 O CARNAVAL E ESCOLA | |
| 3.1 A descoberta: A chegada ao CIEP Municipalizado Graciliano Ramos..... | 39 |
| 3.2 O bairro Jardim América..... | 40 |
| 3.3 História da escola..... | 41 |
| 3.4 Projeto Político Pedagógico..... | 41 |
| 4 O CARNAVAL E A PEDAGOGIA | |
| 4.1 O Encontro com Marilene..... | 47 |
| 4.2 Conhecendo o Barracão..... | 48 |
| 4.3 Baile de Carnaval..... | 51 |
| 4.4 O Ensaio..... | 55 |
| 4.5 O Desfile..... | 59 |
| 4.6 Conversa com Clebson..... | 66 |
| 5 PEDAGOGIA DO CARNAVAL | |
| 5.1 O carnaval na/da escola é, de fato, Pedagogia..... | 71 |
| 5.2 Produções (sambas de enredo, peças de teatro...) | 74 |
| CONCLUSÕES..... | 76 |
| REFERÊNCIA..... | 77 |

INTRODUÇÃO: O CARNAVAL E EU

Dizem que não existe no mundo carnaval igual ao carnaval brasileiro. No Rio de Janeiro, o ano só começa depois do carnaval. Até quem não gosta recebe uma semana de descanso. A gente cresce vendo a mobilização para essa semana. A gente vê as passistas sendo representação do Brasil mundo afora. Tem gente que só curte a folia, tem gente que prefere ir para o interior, tem gente que se organiza o ano inteiro, que faz planilha com os melhores blocos e há também, as pessoas que sobrevivem do carnaval, que ajudam a construir e a fazer permanecer essa cultura tão importante. É sobre essas pessoas que eu quero narrar, sobre um projeto que faz com que a chama carnavalesca exista dentro de crianças, de famílias, colore as escolas e a avenida. Trata-se de um projeto potente que tem a sua seriedade e toda uma estrutura por trás. BAKHTIN (2010) traz que os *foliões/espectadores do carnaval não assistem ao carnaval. Eles vivem, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para todo o povo*. O carnaval, enquanto festa vivida por todos, atravessa não apenas os corpos, mas também as instituições. O carnaval atravessa e é vivido nas escolas.

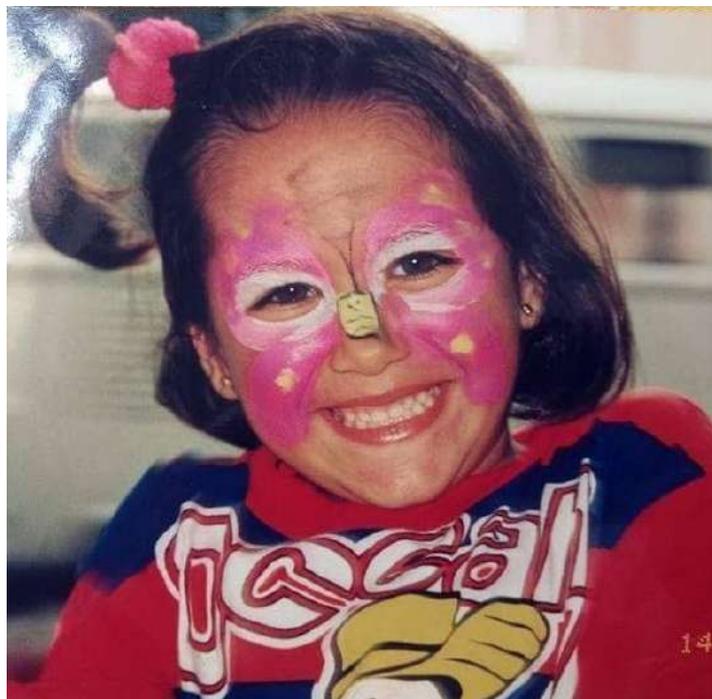
A fim de apresentar todos esses atravessamentos, iniciarei esta pesquisa com a minha vivência no carnaval. Ele faz parte da minha trajetória.

Faz um ano que tenho usado as narrativas e a pesquisa com os cotidianos como metodologia de pesquisa. Sempre que faço uma produção escrita, coloco um pouco de mim nelas. Para Santos (2005),

hoje sabemos ou suspeitamos que as nossas trajetórias de vida pessoais e coletivas (enquanto comunidades científicas) e os valores, as crenças, os prejuízos que transportam são a prova íntima do nosso conhecimento, sem o qual as nossas investigações laboratoriais ou de arquivo, os nossos cálculos ou os nossos trabalhos de campo constituiriam um emaranhado de diligências absurdas sem fio nem pavio. No entanto, este saber, suspeitado ou insuspeitado, corre hoje subterraneamente, clandestinamente, nos não-ditos de nossos trabalhos científicos. (p. 85)

Me amparo em Santos na ideia de que a minha trajetória pessoal e coletiva, a partir do carnaval, é trabalho científico. Minhas narrativas e as de outras pessoas com quem converso neste trabalho são fontes tão válidas de conhecimento acadêmico quanto quaisquer outras. Afinal, todo o *conhecimento é autoconhecimento* (SANTOS, 2008, p. 80)

Pra começar meu desfile, abro as alas com os conhecimentos que fui tecendo na minha trajetória. Tentei buscar na minha memória em que momento o carnaval começou na minha vida: qual foi o dia, a situação, a primeira lembrança que eu tinha. Para mim, o carnaval e eu sempre estivemos ligados por afetos e em cada lembrança os dois estão intercalados.



2. Carnaval 1998. Fonte: Arquivo pessoal



3. Carnaval 1996. Fonte: Arquivo pessoal

Percebi que a primeira narrativa que me liga ao carnaval foi tecida quando eu nem era nascida. Minha mãe me contou que meu avô era apaixonado por carnaval. Disse que ele sempre sumia na sexta que antecede o período carnavalesco e voltava para casa apenas na quarta-feira de Cinzas. Minha avó também já me contou isso algumas vezes, sempre dizendo: “seu avô era do mundo”! Eu não cheguei a conhecê-lo porque ele faleceu muitos anos antes que eu nascesse. De certa forma, eu sempre tive a impressão de que essa relação com o carnaval nos conectava. Acabou se tornando uma coisa nossa, uma paixão compartilhada por duas pessoas que não tiveram a oportunidade de se conhecerem fisicamente, já que apenas nós dois gostamos de carnaval na nossa família.

Na minha família paterna, a vivência do carnaval já é um pouco mais forte. Todo ano meu pai me levava para ver os carros alegóricos na concentração da Avenida Presidente Vargas, Centro da Cidade do Rio de Janeiro¹. Depois, assistíamos aos desfiles das escolas de samba juntos pela televisão e tentávamos achar os carros que havíamos visto pessoalmente. Minha mãe todos os anos costurava uma fantasia bem bonita. Eu amava me vestir de cigana, de coelho, de bruxa, de havaiana e o que mais tivesse de possibilidade.

O tempo foi passando e aos poucos meus interesses em me fantasiar foram se deslocando para os interesses compartilhados por meninas jovens como eu. Fui deixando de me fantasiar e

comecei a buscar nos relacionamentos afetivos a alegria

que encontrava no carnaval. Até que em 2015, num período em que não estava me relacionando com ninguém e por me sentir insegura com relação ao meu corpo de jovem gorda, acabei sendo tomada pelo sentimento de solidão muito grande. Tentava entender meu “novo” corpo, a nova eu.



4. Ensaio Casinha_Lab Fonte: Luciana Ribeiro



5. Terreirada Cearense Fonte: Arquivo Pessoal

¹A concentração dos carros alegóricos, no dia dos desfiles, acontece na Avenida Presidente Vargas até o horário do desfile.



6. Bloco que pensa, amor 2020 Fonte: Lilo Oliveira

Certo dia, uma amiga me levou para um evento pré-carnaval de blocos de carnaval num bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro. Quando eu comecei a escutar algo que para mim era familiar, aquele som, aquelas batidas, experimentei uma sensação de pertencimento. Durante a fanfarra, eu vi, na linha de frente, meninas tocando xequerê. Uma delas era como eu: gorda! Eu só conseguia pensar: “se ela pode, eu também posso”! Desde então, me dediquei a fazer parte desse universo. Fiz pesquisas pois desejava participar de tudo aquilo. Descobri então uma oficina de percussão do bloco Terreirada Cearense. Paguei todo o curso à vista e escolhi o xequerê como meu instrumento. Eu desejava estar na linha de frente, tal como a mulher gorda que tanto me inspirou na fanfarra. Eu me sentia péssima, sem ritmo, sem dança, sem canto, mas não faltava a nenhuma aula. Eu ia a todos os eventos e inventei táticas, como por exemplo, estar sempre com um sorriso constante no rosto para não parecer que eu era tão ruim assim.

O carnaval chegou. Eu passei por esse período com as pessoas que conheci durante a oficina de percussão. Me vi voltando à época de criança: minha mãe fazendo fantasias para

mim, sendo que, dessa vez, eu era a sua assistente. Continuei no Terreirada até a época de festas juninas. Minha vida ganhou outra cor, outro ritmo agora.

Acabei saindo da oficina por questões financeiras. Fiquei me sentindo sem referência de um bloco do qual eu participasse, tivesse elos de amizade, encontros rotineiros. Até que um dia, voltando da faculdade, parei no Bar da Cachaça na Lapa, bairro boêmio do Rio de Janeiro. Encontrei um amigo do Terreirada. Começamos a tomar uma cachaça. Ele me contou que uma galera do Terreirada estava criando um bloco. A proposta era homenagear a Banda de Pagode Raça Negra, grupo que viveu o auge do sucesso nos anos 90 e meu amigo me convidou para conhecer esse novo bloco. Sem pensar duas vezes, eu fui com ele para o ensaio. Aquele encontro inesperado me levou para o lugar onde eu descobri a minha “segunda família”. O bloco se chamava “Que Pena, Amor!”, em referência ao refrão de uma das músicas mais famosas da banda.



7. Bloco que pena, amor 2018 Fonte: Rithyele Dantas

Comecei a tocar ganzá, sempre na linha de frente. Em pouco tempo, eu já era musa do bloco e foi ali que, pela primeira vez, eu assumi o meu corpo gordo como referência de beleza: usei a barriga de fora! Depois disso, meu carnaval começou a ganhar cada vez mais

significado. Além dos amigos que fiz, eu me tornei uma mulher gorda cada vez mais empoderada, deixando a barriga e os braços sempre à mostra, usando maiôs com meia arrastão. Um dia, resolvi nem usar a tal meia. Me senti feliz e plena com o meu corpo e com a roupa que eu queria usar.



8. Boi Tolo 2019 Fonte: Antonio Escorel

Me tornei produtora do bloco e me sinto cada vez mais feliz por essa escolha. Tocar em um bloco é algo grandioso. Quando eu estou no meio da bateria e som do surdo invade a minha alma, eu choro, grito, sorrio, eu vivo intensamente cada segundo. Sou ativa em todas as etapas do desfile: desde o pré-carnaval, passando pela escolha das fantasias, pela confecção, pelo cuidado com os detalhes, pelos ensaios semanais, até a produção de eventos para conseguir o dinheiro necessário para a realização do desfile.

Nos dias de carnaval, eu acordo às cinco da manhã, preparo minha fantasia, me maquio e vou viver com meus amigos toda a emoção que só o carnaval pode me dar, sendo pipoca, cordão, percussão ou produção. Após o carnaval, enquanto guardo as minhas fantasias embaixo da minha cama, fico buscando na internet as fotos dos blocos onde eu fui e tento me encontrar. Nas conversas via whatsapp do bloco, fico aguardando encontros e confraternizações, porque a gente fica com saudades ao longo do ano: o abraço, suor, as cores e o calor. O cotidiano do carnaval é o *espaçotempo*² em que ajudamos com as fantasias,

² De acordo com Alves (2008), a escrita conjunta desses termos tem a ver com a busca da superação das marcas que em nós estão devido à formação que tivemos dentro do modo hegemônico de pensar, representado pela

cantamos e brincamos. E são essas as coisas de que mais sinto falta nesse período de quarentena³.

Durante a minha formação, busquei me enquadrar em modelos e espaços que eu julgava que eram necessários para fazer parte da academia. Demorei para entender que existem outros caminhos e formas de se fazer pesquisa. Encontrei na pesquisa com os cotidianos, o espaço que precisava para tecer em minha contribuição acadêmica. Esse espaço me oportunizou juntar minhas duas grandes paixões: o carnaval e a educação. Finalmente, consigo colocar meu bloco na rua, em forma dessa pesquisa!

A Pedagogia do Carnaval para mim é uma alternativa possível para mostrar como as redes são tecidas dentro das escolas, com as crianças, com professores, com gestores, com famílias e com uma licencianda fazendo sua pesquisa. Acredito que o carnaval é um espaço importante de formação, porque é um movimento educador, com a sua importância histórica, sua organização e o fomento à cultura, entrelaçado com a história do Rio de Janeiro. E isso, eu pretendo mostrar ao longo das minhas narrativas pessoais e as que foram, gentilmente, compartilhadas comigo.

Pretendo, como objetivo geral, tecer outros olhares sobre os processos educativos, a partir dessas narrativas e da vivência que tive dentro de uma escola, trazendo para a conversa as práticas que a escola desenvolve. Também pretendo elencar as *táticas* (CERTEAU, 1994) produzidas pela escola cotidianamente, que são singulares e que acontecem com a participação das crianças, da direção, dos professores e outros funcionários para que o desfile aconteça.

Como objetivos específicos trago a demarcação da luta política que se inscreve no carnaval, sobretudo nos movimentos de resistência e de (re)existência de espaços tais como a Escola de Bamba (espaço sobre o qual abordarei mais à frente). Além desse, apresento como objetivo específico trazer as conversas, as narrativas (sejam elas narrativas-depoimentos, narrativas-imagem, narrativas-músicas, etc) enquanto fontes de pesquisa, e finalmente, produzir junto aos praticantes dessa pesquisa possibilidades de abordagens pedagógicas tecidas a partir do rico repertório cultural oferecido pela dinâmica do carnaval.

ciência moderna, na qual um dos movimentos principais é a dicotomização desses termos, vistos como “pares” mas opondo-se entre si.

³ Em 2020, a pandemia da COVID-19 atingiu a diversos países do mundo, obrigando-os à criação de protocolos preventivos da propagação do vírus. No Brasil, a partir de 14 de março, vários estados estimularam a quarentena e determinaram o fechamento de espaços e instituições onde poderia haver aglomerações.

Como metodologia, trabalharei com a pesquisa narrativa e com a pesquisa com os cotidianos, trazendo também algumas contribuições da cartografia. Sobre a cartografia enquanto metodologia de pesquisa, trago as perspectivas de Rolnik (1989) ao afirmar que

a cartografia é um “desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem” Tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para o cartógrafo, é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. (ROLNIK, 1989, p. 15)

Eu inicio o meu samba, com o capítulo que nomeei como O CARNAVAL E A HISTÓRIA. Nele, buscarei apresentar um pouco da história do carnaval, das escolas de samba, das escolas de samba-mirins até chegar à história de enredamentos entre a Escola Municipal Graciliano Ramos e o Grêmio Recreativo Escola de Samba Mirim Corações Unidos do CIEP, que é o centro principal da minha pesquisa. Para assim, apresentar o início do meu desfile.

Em seguida, apresentarei o segundo capítulo: O CARNAVAL E OS COTIDIANOS. Trarei a discussão metodológica na minha pesquisa e narrarei a vida a partir do carnaval, as narrativas-imagens e a pesquisa com os cotidianos. Entendo que as narrativas e as conversas são fontes de conhecimento e fortalecem a pesquisa que foi tecida com compartilhamento de saberes, com as trocas de experiências e nas relações que são perpassadas nos cotidianos das escolas e no carnaval.

No terceiro capítulo, falarei sobre O CARNAVAL E A ESCOLA. Nele, tecerei minha narrativa acerca da descoberta e da chegada ao CIEP Municipalizado Gracilianos Ramos. Apresentarei o bairro da escola, a história e o Projeto Político-Pedagógico.

A partir daí, chegarei no capítulo intitulado O CARNAVAL E A PEDAGOGIA. Nessa parte, trarei as narrativas da pesquisa de campo: o encontro com Marilene, diretora da Escola de Bamba; o dia que conheci o Barracão da Escola de Samba Corações Unidos do CIEP; a experiência no baile de carnaval do CIEP; o ensaio das crianças que seriam composição dos carros alegóricos durante o desfile, a conversa com Clebson, carnavalesco do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Pimpolhos da Grande Rio; enfim, a experiência do desfile das escolas de samba-mirins no ano de 2020.

Finalizo, apresentando minhas reflexões tecidas a partir da análise do que é feito na escola e as produções (sambas de enredo, peças de teatro) no capítulo que nomeei como PEDAGOGIA DO CARNAVAL e com as minhas conclusões.

Feita esta introdução, convido a você que lê para um mergulho no carnaval e a sua história.

1 O CARNAVAL E A HISTÓRIA

1.1 Uma festa popular no Brasil

Carnaval, segundo Simas e Lopes (2016), no *Dicionário da História Social do Samba*, é definido como

o período de festivais ou festas profanas de origem religiosa, registrado em diversas culturas arcaicas, inclusive africanas. No Brasil, originário do calendário católico, manifesta-se em duplo aspecto: dionisíaco (folia) e apolíneo (espetáculo). Externado essa duplicidade, o samba está presente no carnaval carioca desde antes da criação da primeira escola de samba, instituição que, nascida dos segmentos mais desfavorecidos, acabou por tornar-se, no contexto sócio-histórico da sociedade de consumo, o ponto mais artístico e espetacular da festa carnavalesca no Rio de Janeiro. (LOPES E SIMAS, 2016, P.54)

Para contextualizar a pesquisa, tratei um breve histórico do carnaval no Brasil. A minha intenção não é fazer uma pesquisa voltada para a história e sim, apresentar o carnaval para fomentar a minha pesquisa. Pretendo apresentar ao leitor, o incrível carnaval brasileiro, pensando no carnaval que acontece uma vez por ano, nos dias (de três a quatro) que antecedem a quarta-feira de cinza. Para muitos pesquisadores, a palavra “carnaval” pode se referir a qualquer tipo de festividade, algo que se tenha alegria, como uma comemoração ao ganhar a Copa do Mundo, por exemplo. Já Grimberg (1975) afirma que *o Carnaval, antes de ser uma festa, é uma data*.

Concordando com Ferreira (2004), em *O livro de ouro do carnaval brasileiro*, reflito que

a forma “tradicional” de se contar a história da folia no Brasil procura isolar os diferentes formatos das brincadeiras, privilegiando suas peculiaridades. Estruturada na metade do século passado, essa maneira de compreender o Carnaval vem sendo sistematicamente repetida até os dias de hoje. Nossa proposta é romper com esse antigo costume e apresentar uma outra narrativa que enfoca não as diferenças entre cada categoria, mas suas relações, contatos e diálogos. (FERREIRA, 2004, p.12)

Sendo assim, busco contar a história do carnaval, das escolas de samba e das escolas de samba-mirins, que compreendo como complexidades culturais importantes na tessitura da

minha pesquisa, a partir do local de quem vive e tece esses percursos, além de seu contexto histórico-social.

As primeiras referências expressas do Carnaval dedicam-se a conceituá-lo a partir das relações com a Igreja Católica. Partindo dos comportamentos definidos como apropriados aos cristãos durante o período denominado “Quaresma”, em que seriam restringidos diversos atos no decorrer de quarenta dias, o carnaval se inscreve socialmente enquanto uma festividade que antecede este período restritivo. Dentre as restrições, dá-se o jejum e a proibição de consumo de carne, a fim de que os fiéis possam se dedicar exclusivamente à sua fé, se preparar para uma elevação espiritual e assim, iniciar seu ministério apostólico. Nesse período, os fiéis deixam de lado seus prazeres e pecados. Então, para que eles possam atravessar esse período, deu-se início à uma prática em que, no dia que antecede a Quaresma, os cristãos poderiam se esbaldar com tudo o que pudessem, como por exemplo, comer bastante carne (que era um dos maiores prazeres na época), a fim de estarem satisfeitos quando chegasse o início dos quarenta dias. FERREIRA (2004) explica o significado da palavra *carnaval*.

Esses últimos dias de fartura antes dos quarenta dias de penúria começaram então a ser chamados de dias do “adeus à carne”, que, em italiano, fala-se dias da “carne vale” ou do “carnavale”. Surge assim a palavra para se definir o período do ano onde a comilança e a esbórnia corriam soltas, e que acabaria por se tornar uma espécie de antônimo da Quaresma: Carnaval. Ou seja, se não fosse pela invenção da Quaresma, não haveria Carnaval. (FERREIRA,2004, p. 26)

Por isso, como esse período tinha a “chancela” da Igreja para acontecer, elas cada vez mais tornavam-se exageradas, com muita comida, bebidas, músicas, *parecia não existir leis, regras, fórmulas e nem nada que determinasse o que se podia, ou se devia fazer* (FERREIRA, 2004, p.28). Até hoje, muitas pessoas consideram o Carnaval o período em que se pode fazer “de um tudo”. Essa ideia também acaba por produzir um preconceito muito grande tanto sobre a festa, quanto sobre quem dela participa .

No Brasil, os primeiros registros do Carnaval datam da época da invasão dos Portugues ao Brasil, que trouxeram também, sua cultura e seus costumes. Uma delas era a

*feira do entrudo*⁴, uma tradicional festa popular portuguesa. Com o tempo, o carnaval foi se diversificando, criando novas maneiras de se fazer presente em nossa sociedade como *cordões*, *ranchos carnavalescos* e os *blocos*. Os blocos eram considerados as manifestações mais democráticas do festejo, enquanto a elite festejava em clubes fechados, com seus desfiles e *máscaras*. É importante citar que as máscaras, apesar de inicialmente relacionadas às práticas dos grupos sociais mais abastados, acabou se tornando um acessório bastante popular. Usamos máscaras até hoje: seja para nos tornarmos super-heróis, para sermos identificados em grupos, seja para criticar personalidades, etc.

Por isso, o Carnaval é considerado uma das maiores festas democráticas, em que a alegria é vivida em suas diversas formas e intensidades. Bakhtin (2010) nos informa que

o riso carnavalesco é em primeiro lugar patrimônio do *povo* (esse caráter popular, como dissemos, é inerente à própria natureza do carnaval); todos riem, o riso é “geral”; em segundo lugar, é universal, atinge a todas as coisas e pessoas (inclusive as que participam no carnaval), o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo; por último, esse riso é ambivalente; alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente. (BAKHTIN, 2010, p.10)

Cada estado brasileiro hoje tem sua forma de viver o Carnaval: há estados com a prática de jogar farinha, como é popular no Maranhão; há os bonecões no carnaval de Olinda/PE; em Salvador/BA, pode-se ser *pipoca* e curtir o carnaval atrás de um trio elétrico ou ainda, desfilar como componente de uma escola de samba na avenida Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro.

1.2 Diga, espelho meu, se há na avenida alguém mais feliz que eu: um pouco da história das escolas de samba

No Rio de Janeiro, a principal referência do Carnaval são os desfiles das Escolas de Samba na Avenida Marquês de Sapucaí: são carros alegóricos coloridos, uma bateria fervendo, mestre-sala e porta bandeira bailando, passistas, ala das baianas...

⁴ Alguns termos do carnaval serão apresentados na parte que nomeei como “Carnavalês”. São algumas palavras que fazem parte do cotidiano do carnaval e que senti necessidade de apresentá-las como uma manifestação de afetos com meus interlocutores.

No fim dos anos 1920, quando o carnaval carioca começou a chamar atenção do mundo, se iniciou o aumento do turismo na cidade, com curiosos de diversos países querendo vivenciar essa festividade. Essa projeção fez com que houvesse a necessidade de transformar o “Carnaval do Rio de Janeiro” em algo singular. O samba, estilo musical até então marginalizado, música de pobres, pretos e do povo das favelas, passou a cumprir o papel de centralidade na festa que crescia aos olhos do mundo, tornando as Escolas de Samba uma referência e marca cariocas. Ferreira (2004) explica que

o carnaval carioca iria, paulatinamente, assumindo o título de expressão máxima da nacionalidade brasileira, alçando a capital ao posto de grande símbolo da brasilidade. O carnaval já não era visto somente como uma festa que acontecia na cidade, mas apresentava-se como sinônimo e essência da própria cidade, porta de entrada do país. Desse modo, a participação direta e efetiva de suas autoridades e representantes oficiais tornavam-se uma ação lógica e necessária. Ou seja, a partir de finais da década de 1920, o “espírito” do Rio de Janeiro passa a ser um dos elementos mais importantes na formação do seu carnaval. (FERREIRA, 2004, p. 312)

As primeiras escolas de samba surgiram com influências dos festivos cortejos processionais, os desfiles dos ranchos carnavalescos e de blocos e cordões. O nome “rancho” se deu provavelmente em razão do Rancho Ameno Resedá, que era considerado um *Rancho Escola*. Esses movimentos se enredaram a diversas marcas de influência cultural e religiosa, especialmente com o candomblé e com a umbanda, com várias danças e ritmos, que se fazem presentes nos desfiles das escolas de samba até os dias atuais. Essas influências interligam-se às contribuições dos africanos e ciganos que faziam parte da classe trabalhadora da cidade e se estabeleceram em estaleiros. Moravam nos morros e formaram, assim, uma camada mais popular da cidade.

A primeira agremiação registrada é a “Deixa Falar”, que ficava no bairro do Estácio, fundada em 1926. Hoje, ela funciona como Grêmio Recreativo Escola de Samba Estácio de Sá⁵. A segunda agremiação foi a Mangueira, fundada em 1928 e que, até hoje, funciona com este nome. O início do desfile como competição aconteceu em 1929, tendo a “Deixa Falar” como vencedora. Cinco outras escolas participaram deste desfile. A partir daí, o número de agremiações foi aumentando. Em 1932, o Jornal O Globo assumiu parte do patrocínio dos

⁵ Segundo pesquisadores, a informação de que Grêmio Recreativo Escola de Samba Estácio de Sá ser a herança da “Deixa Falar” é uma controvérsia, sendo assim uma afirmação não estabilizada.

desfiles e criou uma lista de quesitos a serem julgados que garantiriam a vitória a uma agremiação.

Atualmente⁶, o desfile de escolas de samba no Rio de Janeiro se divide em cinco grupos, verticalmente organizados, em que as escolas vitoriosas ascendem ao grupo hierarquicamente superior e os piores classificados declinam para o grupo inferior. Há dois grupos (Especial e Série A) que desfilam na Avenida Marquês de Sapucaí e os grupos restantes (Grupo Especial da Intendente Magalhães, Grupo de Acesso da Intendente Magalhães e Grupo de Avaliação) que desfilam na Avenida Intendente Magalhães, no bairro do Campinho, uma via bastante popular do subúrbio carioca. É importante explicar também que, em 2019, foi fundada a LIVRES (Liga Independente Verdadeira Raízes das Escolas de Samba). Trata-se de um grupo de escolas de samba que, durante o carnaval de 2020, desfilou na Avenida Intendente Magalhães na terça-feira após o encerramento dos desfiles dos demais grupos. Nesses grupos que desfilam no Campinho, encontramos agremiações de que há muito não se escuta falar, ou mesmo agremiações desconhecidas, que reúnem seus componentes e se esforçam para conquistar o campeonato.

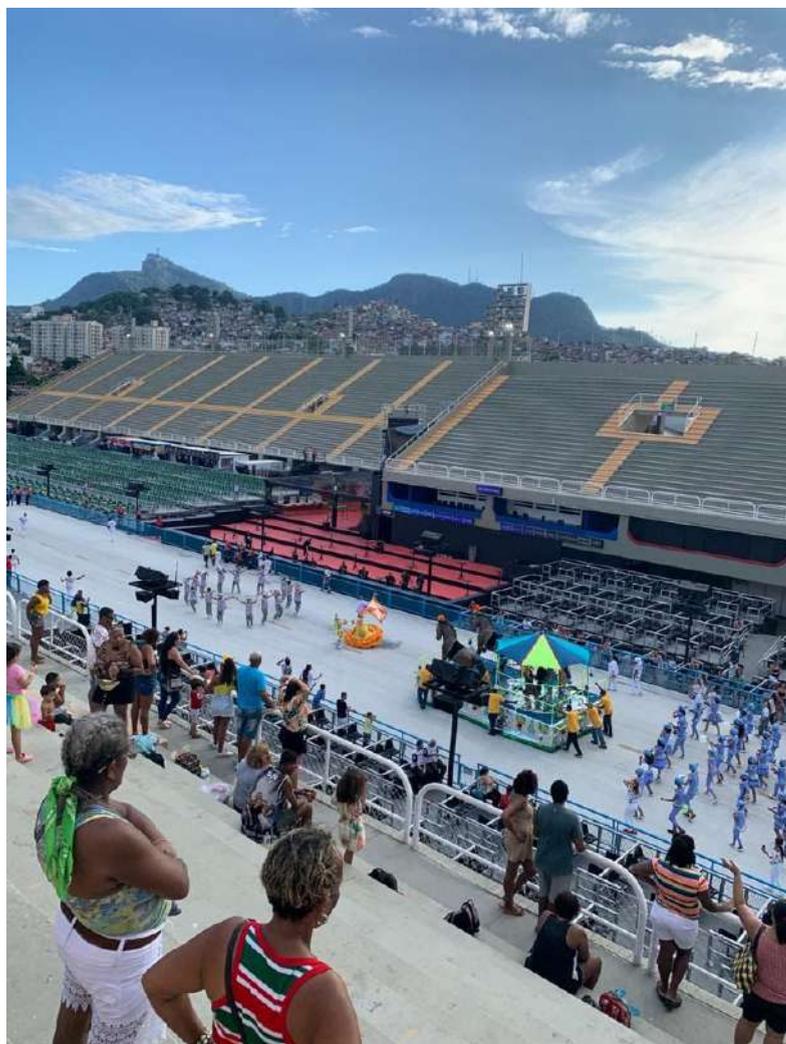
Na terça-feira, o sambódromo da Avenida Marquês de Sapucaí é dedicado ao desfile infantil, onde as Escolas de Samba Mirins pedem licença para desfilar com muita dança, arte, cultura e alegria.

A apuração das notas se inicia na quarta-feira de cinzas, dentro do sambódromo, onde membros das escolas se juntam para esperar pelo resultado, enquanto outros acompanham nas quadras das agremiações. O momento em que Jorge Perlingeiro, locutor oficial da LIESA grita seu jargão “Dez, Nota Dez” acabou virando uma tradição no Rio de Janeiro!

A grandiosidade dos desfiles das escolas de samba acabou por criar uma extensão para que as crianças das agremiações pudessem participar da festa. E assim surgem as escolas de samba mirins.

⁶ Monografia escrita e publicada em novembro de 2020.

1.3 Salvar os grandes, também os pequenos: as escolas mirins entram na passarela



9. Corações unido do CIEP visto de cima Fonte: Arquivo pessoal

A primeira escola de samba-mirim surgiu em 1983: Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Império do Futuro. Desde então, tem crescido o número escolas de samba mirins, totalizando em 2020 dezesseis agremiações.

A criação de escolas de samba mirins surgiu para comemorar o Ano Internacional da Criança, data estabelecida pela Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), em 1979. A fundação da primeira escola de samba mirim acabou ocorrendo somente em 1983, quando Arandi Cardoso, conhecido como o “Careca” do Império Serrano, fundou o Império do Futuro. O intuito era tornar aquela escola de samba mirim um “berço” para futuros bambas. Na época, houve muita resistência do poder público a esse respeito. A situação só foi

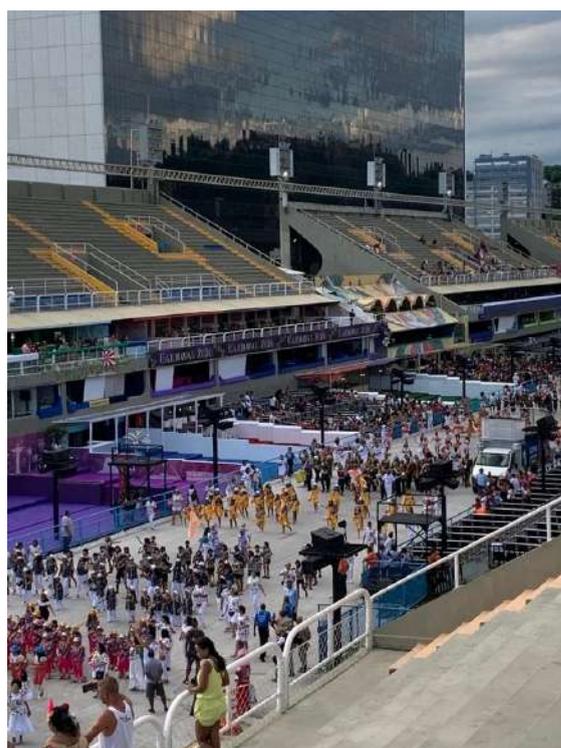
contornada quando apareceram mais pessoas interessadas no projeto e a considerada “trinca de ouro do samba”, composta por Roberto Ribeiro, Alcione e Martinho da Vila deu às escolas de samba mirins a “sua bênção”. Souza (2010) explica que

as agremiações mirins são identificadas em seu nome oficialmente como Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim e têm em sua estrutura organizacional os mesmos elementos que compõem o segmento das escolas oficiais: carnavalesco, enredo, comissão de carnaval, samba-enredo, diretoria, comissão de frente, alas, alegorias, destaques, mestre-sala e porta-bandeira, intérprete, mestre de bateria, passistas, baianas e componentes que apenas querem brincar e desfilir – os foliões. Fazem festas de apresentação de enredo, têm compositores próprios, realizam escolhas de samba-enredo e – o mais impressionante - desfilam com a mesma quantidade de componentes que as escolas oficiais, mantendo a qualidade harmônica e o entusiasmo, e mostrando que o samba pode fazer muito pelo nosso povo e pela nossa brasilidade. (SOUZA, 2010,p.91)

A primeira entidade que representava as escolas mirins foi instituída somente após quatro anos da fundação da primeira agremiação: a Liga Independente das Escolas de Samba Mirins (LIESM) e, em junho de 2020, foi criada a Associação das Escolas de Samba Mirins do Rio de Janeiro (AESM-Rio). Essa associação é responsável pela organização do “Troféu Olhómetro”, que tem como objetivo destacar o desfile das crianças e adolescentes. Com o oficialização dos desfiles e das agremiações, a Liesa e a Riotur começaram a apoiar as atividades desenvolvidas pelas escolas de samba mirins.



10. Corações unido do CIEP visto de cima 1. Fonte: Arquivo pessoal



11. Corações unido do CIEP visto de cima 2. Fonte: Arquivo pessoal

Os componentes são crianças e jovens, de 5 a 17 anos, que atravessam a Avenida Marquês de Sapucaí, trazendo com eles toda a bagagem de trocas e aprendizados daquele ano. Com seus responsáveis, familiares, amigos e foliões, têm a possibilidade de compartilhar a alegria e as muitas aprendizagens do carnaval. É importante dizer que as crianças que participam dos desfiles também são responsáveis pela construção dos sambas-enredo, participam de ensaios, aprendem percussão, participam de todo o processo da tessitura do desfile.

As escolas de samba-mirins no ano de 2020 foram:

1. Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Ainda Existem Crianças na Vila Kennedy
2. Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Corações Unidos do CIEP
3. Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Golfinhos do Rio de Janeiro
4. Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Pimpolhos da Grande Rio
5. Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Miúda da Cabuçu
6. Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Mangueira do Amanhã
7. Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Filhos da Água
8. Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Inocentes da Caprichosos
9. Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Império do Futuro
10. Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Herdeiros da Vila
11. Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Aprendizes do Salgueiro
12. Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Infantes do Lins
13. Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Estrelinha da Mocidade
14. Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Petizes da Penha
15. Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Nova Geração do Estácio de Sá
16. Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Tijuquinha do Borel

1.4 Corações unidos na Sapucaí: história da G.R.E.S.M. Corações Unidos do CIEP



12. Ala das baianas Fonte: Arquivo pessoal

O GRCEM Corações Unidos do Ciep foi fundada em 1985 por professores e animadores culturais que atuavam nas escolas municipais que ficavam na Marquês da Sapucaí. Esses educadores eram coordenados por Xangô da Mangueira. A proposta era dar vida a uma escola de samba mirim, que funcionasse junto às sete escolas sediadas na Passarela do Samba. Num movimento diferente das outras escolas de samba mirins, o GRCEM Corações Unidos do Ciep não nasceu de uma agremiação, mas de um projeto de escolas municipais que pensavam num currículo interdisciplinar, que abarca os conhecimentos da educação básica junto com a cultura carnavalesca. Assim, os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs)⁷ da Avenida dos Desfiles⁸, que naquela época

⁷ Idealizados pelo professor Darcy Ribeiro, os CIEPs tinham como proposta pedagógica o tempo integral.

⁸ Embaixo das arquibancadas e dos setores de camarotes, durante o ano letivo funciona salas de aula de escolas públicas municipais, bem como o CIEP Avenida dos Desfiles.

funcionavam em horário integral, passaram a ter atividades dedicadas a fazer funcionar a escola de samba mirim, tais como: aulas de baluartes, maquetes de desfiles e fantasias. Esses CIEPs também começaram a sediar oficinas de sambistas renomados, como: Olivero Ferreira, Machina e Dona Ivone Lara. Souza (2010, p. 68), nos explica que o espaço *idealizado dentro de um caráter arquitetônico funcional, permitia que o espaço não fosse destinado apenas aos desfiles das escolas de samba, mas também ao atendimento da educação formal.*

Em 1990, a professora Marilene Monteiro, que atuava como professora no Setor 9 da Passarela do Samba, teceu o projeto “Escola de Bamba”. O projeto recebeu as bênçãos de Xangô da Mangueira e tinha como objetivo a interface entre a escola com as etapas do carnaval e, assim, a formação de uma escola de samba mirim. Atualmente, o número de escolas municipais participantes do projeto se ampliou para outras unidades que não fazem parte do conjunto de CIEPs da Avenida dos Desfiles. Conta com 21 escolas de diversas regiões da cidade do Rio de Janeiro. Esse projeto tem como objetivo fazer com que os estudantes das escolas sejam protagonistas: todo o projeto é voltado para que eles participem ativamente da montagem do desfile, de concursos para o enredo e para o samba-enredo, aprendam a sambar, participem da bateria e dos ensaios.

Feitas estas breves considerações que apresentam desde algumas leituras sobre as origens do carnaval, até a especificidade da Escola de Bamba, sinto a necessidade de apresentar o que nomeei como “carnavalês” abarcando uma parte do repertório linguístico que é compartilhado por aqueles que fazem parte da história do carnaval.



13. Puxadores do samba Fonte: Arquivo pessoal

1.5 Carnavalês

Blocos. s.m.pl. Manifestação carnavalesca popular. No Rio de Janeiro constitui em um grupo de pessoas que desfilam no carnaval de rua.

Cordões. s.m.pl. - Antecessores das escolas de samba, os cordões surgiram em 1885. Era formado por grupos que desfilavam em diversas agremiações, não necessariamente combinando com o enredo. Eram “índios”, que utilizavam coisas características, como flechas e arcos. Desfilavam em diversas agremiações. Atualmente, temos o Cordão do Bola Preta, que apesar de ser oficialmente considerado um bloco, mantém a designação de cordão e não tem índios em seu cortejo.

Entrudo. s.m. - Era uma festa que tinha brincadeira e jogos na época do carnaval. Trazido para o Brasil pelos portugueses, os foliões lançavam farinhas, baldes de água, areia, lama, uns nos outros.

Máscara. s.m - Tradicionalmente usada nos bailes de máscaras de Veneza. As máscaras chegam ao Brasil para serem usadas em bailes apenas pela nobreza. Hoje, mais populares, as máscaras são um acessório bastante usado pelos foliões.

Pipoca. s.f. - Tradicional no Carnaval de Salvador, a pipoca é o espaço de diversão dos foliões que acompanham os trios elétricos de fora dos cordões que restringem a participação de quem não pagou ingresso para deles participar.

Rancho Carnavalesco. s.m - Antecessores das escolas de samba, os ranchos carnavalescos eram uma sociedade carnavalesca carioca.

Rancho-escola. s.m - O rancho-escola trouxe um formato que foi inspirou as primeiras escolas de samba.

Apresentada a história do carnaval e de como as escolas de samba e de samba mirim surgiram, é importante pontuar que toda a história também é uma narrativa. Nesse sentido no próximo capítulo discorro sobre a minha opção metodológica pela pesquisa narrativa, trazendo as contribuições de Inês Barbosa de Oliveira, Nilda Alves, Graça Reis e Marina Campos.

2 O CARNAVAL E OS COTIDIANOS

2.1 Narrar a vida a partir do carnaval

Durante boa parte da minha graduação, tentei me encaixar nos moldes em que as pesquisas eram apresentadas para mim e acreditava que eram as únicas formas de escrever e de se pesquisar. Foi quando entrei no grupo de pesquisa/extensão Conversas entre Professores: Alteridades e Singularidades (ConPAS), no Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp-UFRJ), coordenado pela professora Graça Reis, como bolsista PROFAEX. O grupo trabalha a partir das narrativas e dos estudos com os cotidianos. Esse ingresso me possibilitou ampliar o olhar e ver outras formas de fazer e pensar a pesquisa acadêmica. Desde então, tenho mergulhado nas pesquisas com as narrativas e as conversas. Com o estudo das narrativas, passei a compreender que as minhas vivências com os *espaçotempos* das escolas eram potentes. Por isso, desejei que a minha pesquisa caminhasse dessa forma.

As narrativas apresentadas neste trabalho foram tecidas a partir das minhas vivências pessoais do carnaval, das experiências no CIEP Graciliano Ramos, do desfile da GRCESM Corações Unidos do Ciep, das conversas que tive durante a minha pesquisa de campo, dos abraços que foram recebidos e das trocas carnavalescas ao longo da trajetória da pesquisa.

Tudo cabe na pesquisa narrativa: o que sentimos ao ver o desfile passar, a emoção que transborda na diretora de um CIEP ao falar sobre sua escola e o carnaval, a frustração quando uma fantasia não veio da forma que se imaginou. Concordo com Oliveira (2014, p.10) que a aposta *nessas outras escritas permite-nos contribuir para a revalorização das vozes/conhecimentos/práticas sociais daquelas populações historicamente excluídas enquanto sujeitos de culturas e de saberes, ampliando as possibilidades sociais de superação* buscando desinvizilizar esses sujeitos e seus saberes.

Durante a minhas conversas com os *praticantespensantes* (OLIVEIRA, 2014) presentes no carnaval, como a Diretora do CIEP Graciliano Ramos, Isabella Gomes, e com o Carnavalesco da GRCESM Pimpolhos da Grande Rio, Clebson, pude sentir a emoção quando eles contam as suas histórias e as histórias de seus alunos no processo da organização para o desfile. Quando Isabella e Clebson narram, eles estão fazendo a *arte de contar histórias, tão importante para quem vive o cotidiano do aprenderensinar* (ALVES, 2008, p.33). Apesar de

não se conhecerem, e experimentarem *espaçostempos* diferentes, ambos narram a felicidade e a potência de seu trabalho. Campos e Reis (2020) definem:

As narrativas como método de investigação contribuem para uma aproximação entre sujeitos pesquisados e sujeitos pesquisadores, permitindo maior percepção sobre os significados que os professores dão às suas experiências, à avaliação que fazem dos seus processos de aprender e ensinar, assim como permitem um mergulho nos contextos vividos. A narrativa se constitui também como experiência formativa. Nesse exercício cotidiano, professores têm a possibilidade de (re)viver suas experiências e as dos outros que também narram. (CAMPOS e REIS, 2020, p. 180)

Durante uma conversa com Isabella, no início da pesquisa de campo, enquanto ela me contava sobre seu amor pela arte e os motivos pelos quais o CIEP Graciliano Ramos participava dos desfiles da Corações Unidos do CIEP, eu disse que o título da minha monografia seria “Pedagogia do Carnaval”. Nesse momento, ela parou e me olhou emocionada, dizendo que de fato era uma “Pedagogia do carnaval” o que ela fazia ali. Campos e Reis (2020, p. 180), tecem que esse momento é *o que lhes é possível fazer e o que pensam e nesse percurso se formam ou (auto)formam exercitando uma reflexão que vai além da naturalização das ações cotidianas, criando outros sentidos para a sua docência.*

Durante a conversa com Clebson, já ao final da pesquisa, ele me contou sua trajetória, desde quando ele era um dos integrantes das escolas de samba mirins até se tornar o carnavalesco do GRCEM Pimpolhos da Grande Rio. Durante a conversa, enquanto contava sobre o desfile do GRCEM Mangueira do Amanhã, lembrou-se de quando ele foi carnavalesco da agremiação. Se emocionou, pois aquele desfile marcou sua projeção no carnaval-mirim. Na ocasião, foi o desfile mais premiado. Em meio à emoção, ele disse que fazia tempo que não se lembrava daquele desfile e que foi muito emocionante conversar sobre ele. Segundo Clebson, *a conclusão de um trabalho que é com criança, é especial. É importante ouvir deles: “conseguimos, conseguimos o nosso objetivo”.* Essa sensação foi algo que eu pude sentir quando assisti ao desfile das escolas de samba mirins. Essa é a potência do narrar a vida a partir do carnaval. Muitas vezes, os participantes que constroem o carnaval de diversas formas, não se enxergam como educadores ou formadores. Quando alguém do meio acadêmico os procura, em geral, buscam apenas retirar desses *praticantespensantes* aquilo o que se inscreve como exótico, distante de uma realidade que

pulsa. Não os veem enquanto formadores e co autores das pesquisas. Sobre isso, Clebson desabafou.

Você é a primeira pessoa com quem eu converso que quer pesquisar sobre a escola mirim, que fala que vai retornar aqui, que não vai só usufruir do espaço e ir embora. Os acadêmicos tem que chegar junto sim! Precisam fortalecer os desfiles de escola de samba. Eu percebo muita gente interessada em pesquisar esse nicho, mas que não chega junto. A gente não é profissionalizado, não existe na carteira de trabalho carnavalesca. Você é MEI, você gera nota para a empresa. Isso acontece na Pimpolhos. Mas não existe um sindicato das costureiras do carnaval, do carnavalescos, por exemplo.

Converso com Campos e Reis (2020, p. 177) quando falam das *possibilidades de discutirmos a produção de currículos nas escolas, saindo do lugar dos holofotes das pesquisas que narram sobre o que se pensa, sobre os currículos e não o que eles são no cotidiano*. Defendo que essas narrativas do carnaval se enredam às discussões e reflexões, sendo fonte potente e formativa de pesquisa, possibilitando o compartilhamento de saberes e de vivências a partir das trocas de experiências das relações construídas nos cotidianos e das parcerias que foram estabelecidas no *dentrofora* do campo do carnaval, contribuindo para a compreensão de que os *praticantespensantes* do carnaval tecem cotidianamente saberes tão legítimos e potentes quanto quaisquer outros.

2.2 Pesquisa narrativa

Me aproximo de Prado, Soligo e Simas (2014), quando defendem que há uma necessidade de explicar como procedemos com o uso das narrativas como fonte de dados, método e uso formativo. Os autores nos dizem que há três lugares em que as pesquisas podem ser pesquisas narrativas. São elas: como fontes de dados, como registro dos percursos e como modo de produção de conhecimento. Os autores afirmam que

se por um lado é certo que a convergência das escolhas favorece uma articulação orgânica, de modo que a escrita progressiva de uma narrativa do processo é recurso privilegiado para a produção de conhecimento, por outro existe uma tensão permanente entre o registro em uma forma narrativa e o gênero em questão – que, no caso, será sempre dissertação ou tese (ou outro tipo de relatório de pesquisa acadêmica), ainda que registrados narrativamente. (PRADO, SOLIGO e SIMAS, 2014, p.4)

Escrever em registro narrativo implica no exercício constante de desconstrução. O registro narrativo, feito na primeira pessoa do singular, é considerado um discurso autobiográfico, pois o pesquisador *desempenha três papéis de sujeito a um só tempo: autor, escritor e personagem protagonista* (p.6). Sendo assim, considerado um conhecimento válido, o autor lança mão em seu texto de sua experiência como pesquisador, trazendo uma aproximação *entre o que pretende dizer, o que efetivamente diz – neste complexo contexto de produção – e o que poderá compreender o leitor* (p.7).

Quando fazemos uma pesquisa narrativa, estamos vivenciando um processo de reflexão. Segundo Clandinin e Connelly (2015),

Podemos pensar que, na construção de narrativas de experiências vividas, há um processo reflexivo entre o viver, contar, reviver e encontrar de uma história de vida.(...) nós, como pesquisadores, já estávamos engajados no viver e contar de nossas histórias - nossas próprias, de nossos participantes e das nossas questões de pesquisa que compartilhamos com todos. (CLANDININ e CONNELLY, 2015, p.108)

Na pesquisa narrativa, da mesma forma em que cabem os cheiros, também cabem diferentes fontes de dados, tendo um repertório extenso com depoimentos, conversas, memoriais, fotografias. Essa pluralidade de dados fez com que a pesquisa narrativa ganhasse mais visibilidade com novos sujeitos e seus saberes. Prado, Soligo e Simas (2014, p.8) afirmam que *os pesquisadores que trabalham com a narrativa como fonte de dados usam desse recurso para compreender como os sujeitos da pesquisa vivenciaram determinada experiência e como vão significando e ressignificando o vivido*.

Com isso, o pesquisador que se propõe a fazer usar esse caminho metodológico, está disposto a mergulhar com todos os sentidos para encontrar os dados que contribuem para sua compreensão da questão que se propôs a investigar. Então, o pesquisador será modificado a partir das suas experiências, que foram vivências, investigações e escritas enredadas ao contexto da pesquisa, pois as experiências continuam acontecendo durante o percurso. Clandinin e Connelly (2015) refletem que

quando os pesquisadores entram no campo de pesquisa, eles experimentam mudanças e transformações, constantemente negociando, reavaliando e mantendo flexibilidade e abertura para uma paisagem que está sempre em transformação. (CLANDININ e CONNELLY, 2015, p.108)

Por isso, a pesquisa narrativa dá sentido a diferentes formas de ler o mundo, enredando sentidos e afetos.

2.3 Imagens como narrativas

Quando pensamos no carnaval, trazemos em nossas memórias diferentes formas distintas de vivê-lo. Minhas memórias sempre são cheias de cores, de fantasias e de muitos detalhes, como por exemplo, os carros alegóricos gigantes atravessando a Sapucaí ou os foliões curtindo um bloco de rua. São muitas imagens, tanto nos meus pensamentos, quanto impressas como fotografias nas minhas gavetas ou salvas no computador.

Quando olho uma fotografia, me sinto próxima do que está nela impresso, e, a partir daí, busco memórias, vivências que hoje habitam dentro de mim. Cada pessoa terá uma leitura diferente de uma mesma imagem. Essa leitura é sempre singular, pois dialoga com vivências e experiências. Há pessoas que olham para uma mesma foto com sentimento de saudades; outras com o sentimento de frustração; algumas sentirão, felicidade; há também quem olha uma foto e sente que não tem nada haver com aquilo ali. São muitas as redes que tecemos através de uma imagem. Alves e Barbosa (2004) defendem que

um dos motivos porque o uso de material imagético é metodologicamente importante na pesquisa no/do cotidiano reside, exatamente, no fato de ele conduzir às múltiplas realidades captadas pelas imagens, não traduzidas em textos, sejam eles discursos e propostas oficiais ou de outros tipos. Acreditamos que as imagens são portadoras de possibilidades de compreensão ampliada do que é e do que pode ser a prática pedagógica real, escamoteada e tornada invisível “a olho nu” pelas normas e por regulamentos da cientificidade moderna, da hierarquia que esta estabelece entre teoria e prática e dos textos produzidos nesse contexto. (ALVES E BARBOSA, 2004, p. 33)

Nesse sentido, as imagens enquanto narrativas serão importantes fontes para as pesquisas com os cotidianos, pois possibilitam, segundo Alves e Barbosa (2014, p.33) *outros “dados”, não- textuais, sobre os quais precisamos trabalhar, se queremos captar os elementos sensíveis da realidade cotidiana, não-expressadas por meio de textos “científicos”*. As imagens, sejam como pinturas ou fotografias, nos fazem perceber o cotidiano de uma forma que talvez, os textos não consigam alcançar, conduzindo o leitor as múltiplas realidades que as imagens podem captar. E é por esse motivo que minha pesquisa também é escrita com muitas imagens.



14. Espectadores Fonte: Arquivo pessoal

2.4 Pesquisa com os cotidianos

No dicionário⁹ “cotidiano” significa *o que acontece diariamente, que é comum a todos os dias, diário*. Meus estudos da pesquisa com os cotidianos não são feitos apenas pelos textos e artigos acadêmicos, mas também na vida de todo dia. Não sinto os cotidianos como definidos no dicionário, como algo comum ou que acontece da mesma forma todos os dias. Os cotidianos são atravessados por diversas narrativas, todas elas sempre singulares. Num dia, ao chegar para fazer minha pesquisa numa escola, a sala de aula pode estar com uma goteira por conta de uma chuarada do dia anterior. No outro, o cheirinho do almoço feito para a merenda escolar pode estar mais gostoso do que nos outros dias. Essas produções de todos os dias me fazem cada vez mais interessada nessas pesquisas, pois me atentam aos saberes que fazem toda a diferença e me instigam a muitas inquietações.

⁹ Oxford Languages.

Alves (2008) nos diz que para compreendermos a pesquisa com os cotidianos é necessário ter métodos complexos para isso e fazer um *mergulho com todos os sentidos* no que formos pesquisar. A autora propõe alguns movimentos que desenham esse modo de pesquisar e que me permitiram entrar na escola com uma percepção diferente da que aprendi nas disciplinas do curso de Pedagogia dedicadas ao ensino de metodologia de pesquisa. O primeiro movimento elencado pela autora se chama *sentimento do mundo*. Nesse movimento, fui desafiada a ir além do que fui aprendendo nas disciplinas do Curso de Pedagogia. Propõe-se aqui que o pesquisador viva e sinta o mundo, e não apenas o observe com distanciamento. Alves (2008) salienta a importância de uma pesquisa:

capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentido a variedades de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário. (ALVES, 2008. p.19)

Para que isso pudesse acontecer, foi fundamental uma desconstrução de ideias e de conceitos prévios dos quais eu dispunha e nos quais eu acreditava, para dar lugar à tessitura de horizontalidade nas relações na pesquisa. Isso se fez necessário na minha relação com a Escola Municipal Graciliano Ramos, com a diretora da escola Isabella, com as professoras e professores, com os estudantes, com as funcionárias e funcionários, com os muitos trabalhadores e trabalhadoras do carnaval.

O segundo movimento, chamado *virar de ponta cabeça*, trata da compreensão do conjunto de teorias, conceitos e noções herdados a partir das ciências, que foram desenvolvidos na modernidade, enquanto ferramentas que podem estabelecer relações diferentes com a pesquisa, para além da ideia de que a teoria prescreve e orienta o que será comprovado na prática. Alves (2008) explica que

trabalhar com os cotidianos e se preocupar como aí se tecem em redes os conhecimentos, significa, ao contrário, escolher entre as várias teorias a disposição e muitas vezes usar várias, bem como entendê-las não como apoio e verdade mas como limites, pois permitem ir só até um ponto, que não foi atingindo, até aqui pelo menos, afirmando a criatividade no cotidiano. (ALVES, 2008, p. 24)

O terceiro movimento, *beber em todas as fontes*, tece a ampliação dos modos de

produzir conhecimentos, indo além do que foi herdado para que tenhamos diferentes fontes, em que possamos discutir sobre a *diversidade, o diferente e o heterogêneo*. Pesquisar com os cotidianos exige sensibilidade na busca de outras fontes e novos saberes. Propõe-se ir além de uma pesquisa quantitativa. Nesse ponto, destaco a relevância das narrativas enquanto fontes singulares e potentes, podendo se inscrever na pesquisa através de memórias, fotografias, histórias, conversas e tantas outras possibilidades.

E por último, o movimento de *narrar a vida e literaturizar a ciência* em que serão abordadas outras formas de escrever a ciência. Afinal, como colocar em uma escrita acadêmica neutra tudo aquilo que foi sentido durante a pesquisa? A tessitura da minha pesquisa com os cotidianos se inscreveu na ousadia e no desapego de uma pesquisadora que se propôs a mergulhar nas narrativas dos *praticantespensantes*, num modo diferente de me relacionar com o *espaçotempo* pesquisado e que, agora, precisa transformar toda a pesquisa em material escrito e aceito academicamente, cumprindo as normas previstas. Alves (2008) salienta sobre a importância de que se

incorpore a ideia que ao narrar uma história, eu a faço e sou um narrador praticando ao traçar/trançar as redes dos múltiplos relatos que chegaram/chegam até mim, neles inserindo, sempre, o fio do meu modo de contar. Exerço, assim, a arte de contar histórias, tão importantes para quem vive o cotidiano do aprenderensinar. Busco acrescentar ao grande prazer de contar histórias, o também prazeroso ato da pertinência do que é científico. (ALVES, 2008, p. 33)

No final de um de seus textos, Alves (2008) cita Noel Rosa. Utilizando um trecho da música *Palpite Infeliz*, a autora escreve: *A Vila não quer abafar ninguém; só quer mostrar que faz samba também*. Assim, ela também dispõe que a pesquisas com os cotidianos tecem outras formas de pesquisar, sem deslegitimar nenhuma metodologia. O que se pretende é afirmar que esta forma de pesquisa também faz samba. Sobre isso, Alves (2003) afirma

não faço isto por vaidade ou soberba, mas porque considero que essa é a trajetória necessária ao processo das pesquisas com os cotidianos: precisamos nos ver, como pesquisadores, mergulhados em nossos próprios cotidianos, nos quais abraçamos ferrenhamente algumas idéias que devemos, desconcertados, deixar para trás ou criticar com força mais adiante, pois a vida se impõe todas as vezes e assim deve ser, em especial nessas pesquisas. Todo esse processo nos mostra em permanente movimento e nos indica que somos e pensamos diferente daquilo que pensávamos pensar algum tempo antes. (ALVES, 2003, p.1)

Como já apresentado no ítem 2.1, Narrar a vida a partir do carnaval, na produção narrativa cabe todo o cotidiano da escola que se prepara para o desfile, cabe um baile de carnaval em que as professoras improvisaram fantasias para os estudantes que não as tinham, cabe um grupo de crianças que organizava uma coreografia, cabe a frustração de uma responsável que não conseguiu levar seu filho para o ensaio e, cabe também, a ansiedade de um estudante que aguardava sua vez de se apresentar num concurso de dança na escola. Cabe, portanto, toda a complexidade de cada experiência, possibilitando ir além do vivido, mas também a compreensão e a reflexão destas situações vividas. Sobre isso, Alves (2008) tece

com todos esses fatos anotados e organizados, percebo que só é possível analisar e começar a entender o cotidiano escolar em suas lógicas, através de um grande *mergulho* na realidade cotidiana da escola e nunca exercitando o tal olhar distante e neutro que me ensinaram e aprendi a usar. É preciso questionar e “entender” o cheiro que vem da cozinha, porque isto terá a ver com o trabalho das professoras e as condições reais de aprender dos alunos. (ALVES, 2008, p. 20)

Apresentada a metodologia, no próximo capítulo, intitulado *O carnaval e a escola*, trarei as narrativas da pesquisa, desde a chegada ao CIEP Graciliano Ramos até o desfile do Corações unidos do CIEP. Neste capítulo, há muitos sentimentos, frustrações e alegrias que senti ao longo da pesquisa. Foi uma grande oportunidade estar com a escola Graciliano Ramos e acompanhar seus passos até a Marquês de Sapucaí. Me sinto muito feliz por poder compartilhar essas narrativas como pesquisa. O desfile vai começar.

3 O CARNAVAL E ESCOLA

3.1 A descoberta: a chegada ao CIEP Municipalizado Graciliano Ramos

Quando junto com minha orientadora iniciamos a busca por escolas em que o carnaval fizesse parte do projeto político-pedagógico ou se envolvesse de alguma forma, com as escolas de samba, oficinas de mestre-sala e porta-bandeira, passamos por muitas dificuldades. É preciso destacar que neste momento a cidade do Rio de Janeiro tem como chefe do poder executivo municipal, um pastor evangélico (Marcelo Crivella). Trazendo para a administração pública o proselitismo religioso e as marcas de intolerância, Marcelo Crivella iniciou sua gestão com corte de verbas para os desfiles carnavalescos e com o cancelamento dos ensaios técnicos. Buscar uma prática do carnaval numa escola pública municipal foi como buscar uma agulha num palheiro. Recebi de um amigo da graduação, com quem eu dividi a angústia da procura, um link de um site da prefeitura que falava, em pouquíssimas palavras, algumas imagens e de forma quase envergonhada, sobre a *Escola de Bamba*¹⁰. A Escola de Bamba é um projeto da Secretaria Municipal de Educação, que foi fundada em 1990, tendo como presidente, a professora Marilene Monteiro. O projeto é integrado com a Escola de Samba Mirim Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Corações Unidos do CIEP. Atualmente, o GRCEM Corações Unidos do CIEP conta com a participação de mais de 2.000 estudantes das escolas do município do Rio de Janeiro. Segundo o site, o projeto *visa o lado educacional e social e tem como foco o aluno*.

E assim, a partir deste site, comecei a seguir os fluxos da cartografia que fez com que a pesquisa de campo pudesse começar. Seguimos então na busca pela internet de mais informações sobre esse projeto e encontramos muito poucas. Era importante que as informações nos levassem a endereços, emails ou sedes. Nada disso foi encontrado.

Então, descobrimos que a *Escola de Bamba* era a responsável pelo GRCEM Corações Unidos do CIEP. Fomos então buscar em outros meios de comunicação e achamos uma página no facebook¹¹. Ali, existia uma matéria dizendo que o CIEP Graciliano Ramos, havia ganhado o concurso para escolha do samba enredo da Corações Unidos do CIEP no ano de 2020. Assim, buscamos meios diversos para contatar essa escola, que pertence à 4ª

¹⁰<https://www.rio.rj.gov.br/web/rioeduca/escola-de-bamba>

¹¹ <https://www.facebook.com/coracoesunidosdociep>

Coordenadoria Regional de Educação e fica no bairro de Jardim América. Uma amiga da minha orientadora conseguiu o contato da diretora Isabella Gomes e marcamos um encontro. Isabella se mostrou bastante interessada na conversa: primeiro caminho aberto para a pesquisa de campo.

3.2 O bairro Jardim América



15. Mapa Jardim America Fonte: Google Maps

Na semana seguinte ao contato fomos à escola: um CIEP no Jardim América, bairro na zona da Leopoldina que faz fronteira com os municípios de Duque de Caxias e São João de Meriti. Localiza-se perto da Avenida Brasil e da Rodovia Presidente Dutra. O bairro possui em média 28 mil habitantes e é considerado residencial, pois o comércio se destina basicamente à demanda local.

Além do CIEP Graciliano Ramos, o bairro conta com mais algumas escolas públicas: Escola Municipal Andrade de Neves, Escola Municipal Cônego Fernandes Pinheiro, Escola Municipal Zélia Braune, Escola Municipal Herbert Moses, Escola Municipal Gronchi e Escola Técnica Estadual Juscelino Kubitschek. Há também algumas creches: Creche Municipal Barbosa Lima Sobrinho, Creche Municipal Sempre Vida Dique e Creche Municipal Visconde de Sabugosa. A presença religiosa também é algo que marca o bairro. Há muitas igrejas evangélicas (inclusive uma na frente da escola Graciliano Ramos), igrejas católicas, terreiros de candomblé e centros de umbanda. Há um bloco carnavalesco que se

chama Bloco do Limão do Jardim América, que se concentra na Praça Rivadávia Maia e desfila pelas ruas do bairro.

3.3 Chegada à escola

Paramos de carro em frente à escola e logo percebi que as paredes da escola eram grafitadas. Fomos recebidas (eu e minha orientadora) pelo funcionário Fernando, que sobre o uniforme da empresa terceirizada que presta serviços para a prefeitura, estava usando uma gravata colorida decorada com lantejoulas e paetês com seu nome. Deduzi que aquele adereço havia sido feito na escola e isso foi bastante acolhedor. Fernando fez questão de nos levar até ao gabinete da diretora Isabella, o tempo todo com um sorriso no rosto. Novamente, me senti acolhida.

Quando entramos na sala da direção, a primeira coisa que me chamou a atenção foi a quantidade de troféus recebidos pela escola em concursos de que ela havia participado, além dos muitos adereços carnavalescos. Isabella nos recebeu com um sorriso largo e a mesma energia da troca de mensagens que fizemos na semana anterior à visita.

Falamos do projeto *Escola de Bamba*, dos meus interesses de pesquisa e da universidade. Isabella falou do projeto de teatro da escola, do seu amor pelas artes cênicas e da participação das crianças nos projetos. Comentou sobre os prêmios de dança: o CIEP era a escola mais premiada entre todas as demais do município. Isabella respirava arte e nela tinha o olhar de encantamento com o carnaval que eu buscava para a minha pesquisa.

3.4 Projeto político-pedagógico da escola

Isabella contou que o interesse da escola em participar dos desfiles da GRCESM Corações Unidos do CIEP veio em razão de que as fantasias usadas durante o desfile poderiam ser aproveitadas pela unidade escolar. Assim, a Graciliano Ramos poderia ter um amplo repertório de trajes para as peças de teatro. Depois de algumas participações, cada vez com maior envolvimento, Isabella foi procurada pela diretora da Escola de Bamba, também

presidente da Corações Unidos do CIEP, professora Marilene Monteiro. Marilene disse que havia assistido a uma apresentação de dança das crianças da escola e convidou Isabella para coordenar a comissão de frente do desfile do ano seguinte.



16. O samba-enredo Fonte:

<http://www.rio.rj.gov.br/web/rioeduca/exibeconteudo/?id=10387675>

A partir desse convite, a Escola Graciliano Ramos passou a ter mais espaço no desfile da Corações Unidos do CIEP. Rindo, Isabella narrou como foi a apresentação da comissão de frente do grupo de teatro/dança. Disse que as crianças eram menores do que se esperava e as fantasias ficaram largas para o desfile. Ela falou da correria que foi ensaiar com eles e prepará-los para o desfile. Isabella acabou não assistindo ao desfile naquele ano, pois, curiosamente, ela sempre viaja para fora da cidade durante o período do carnaval. Porém, , todas as vezes em que ela assiste aos vídeos do desfile ou olha as fotos da apresentação, pensa que “loucura” boa foi aquela! Apesar das crianças terem pouca idade, o fato de serem

acostumados às apresentações de dança e de teatro, contribuiu decisivamente para que o grupo tivesse segurança durante o desfile, mesmo sem a presença da diretora. A participação na comissão de frente também motivou Isabella a inscrever a escola no concurso de sambas-enredo para o GRCEM Corações Unidos do CIEP. Nesse momento, a diretora convida Luciano (agente educacional da escola) para participar da narrativa. No ano anterior ao desfile, acontece a seleção do samba-enredo a partir do tema escolhido para ser apresentado. As crianças compõem os sambas e as escolas fazem a inscrição para o concurso. A escolha do samba-enredo acontece sempre na quadra de alguma escola de samba que cede seu espaço para isso. No encontro que tive com a Presidente da Escola de Bamba, Marilene Carvalho contou um pouco sobre como se dá o processo do concurso: *tem crianças que nunca entraram em uma quadra, que estudam ali do lado e nunca entraram. A escola nunca levou eles lá, mas a Escola de Bamba faz isso. Por isso, nosso projeto é tão importante.*

Todas as escolas municipais são convidadas a participarem do concurso. As escolas que optam por participar gravam uma versão do samba para inscrição e, no dia da escolha, uma criança da escola sobe no palco para defender seu samba.

A criança chega toda tímida, sobe no palco e solta a voz. Nós apoiamos, gritamos e incentivamos para que isso aconteça, nos conta Isabella ao falar das muitas tentativas de fazer emplacar um samba-enredo da Graciliano Ramos. *Nós tentávamos todos os anos, mas um dia, nós conseguimos!* Percebi que aquela vitória foi imensamente importante para ela. Isabella pontuou a importância do processo do samba enredo para a escola, e especialmente, para os estudantes, pois se trata de um processo de estudo e de criação. A escola se dedicou a estudar o enredo¹², conhecer a história, saber como surgiu o circo, o porquê dos palhaços usarem o nariz vermelho. Foi uma construção coletiva. Todo mundo participou de alguma forma.

¹² Em 2020, o enredo foi “Palhacices e palhaçadas são retratos da vida - o fantástico mundo do circo”



17. O samba-enredo Fonte:

<http://www.rio.rj.gov.br/web/rioeduca/exibeconteudo/?id=10387675>

Isabella disse que quando o CIEP Graciliano Ramos abraçou o desafio de escrever um samba-enredo, que não ninguém da escola conhecia as especificidades desse gênero. *A gente não tinha noção nenhuma de como fazer um samba-enredo.* Isabella disse que sentava na sua sala, pensava no tema, pedia ajuda da coordenadora e do Luciano, escreviam algumas coisas e enviavam para o concurso. E o samba não era selecionado para participar. Novamente, no ano seguinte, ela escrevia algumas coisas, pensava com a coordenação e corpo docente, e mais uma vez, a escola era selecionada. Até que ela começou a se perguntar o porquê deles não conseguirem fazer parte da seleção na quadra da escola de samba. Isabella entendeu que não sabia fazer um samba-enredo. Que não era suficiente umas frases simples e estava pronto. Decidiu ampliar o processo para as crianças, *afinal, o desfile era deles.* Isabella começou a pedir a opinião dos estudantes, reunir frases e escrita deles, estudar o processo de construção de um samba-enredo, conversar com compositores de escolas de samba para entender tudo melhor.

Então, em 2019, a Graciliano Ramos construiu coletivamente o samba “Palhacices e Palhaçadas são espelhos da vida. O fantástico mundo do circo”, gravaram, harmonizaram e realizaram todo o processo. Escrever o samba-enredo é tão fundamental para o desfile, quanto o próprio samba. O processo coletivo uniu a escola, fomentou o estudo, a escrita e o processo criativo. Nasceram ali compositores e como definem Lima e Simas (2019):

COMPOSITORES, ala de. Na escola de samba, grupamento responsável pela criação e interpretação musical, principalmente do samba de enredo escolhido para o desfile carnavalesco.

A escola participou da escolha e ganhou o concurso pela primeira vez. A emoção toma conta de Luciano e de Isabella quando falam sobre o concurso e a comemoração da vitória. As narrativas de Isabella e de Luciano são povoadas de muito afeto e orgulho dos estudantes da escola. Eles entendem que o carnaval e esse desfile são um momento muito importante para a escola e para as famílias dos estudantes.



18. Bandeira Corações Unidos do CIEP Fonte: Wikipedia

G.R.C.E.S.M. CORAÇÕES UNIDOS DO CIEP – CARNAVAL 2020

“Palhacices e Palhaçadas são espelhos da vida. O fantástico mundo do circo”

Sambando de passo marcado

No grande palco da avenida

Senhoras e senhores estou feliz da vida
O bobo da corte chamou, o show vai começar
Na palhacice, na palhaçada, meu carnaval vai desfilar
É a comédia e a cultura que agradam gerações
Se alegria é o assunto, O CIEP chega junto unindo corações
No nosso circo, é nós no picadeiro
Desta arte milenar
Que corre o mundo inteiro
Olha o palhaço de cara engraçada
Fazendo rir a criançada
Rompendo fronteiras na magia das brincadeiras
Equilibristas, tem sim senhor
Artistas fabricando humor
Trovadores, mamulengos batendo tambor.
Trapezistas bailarinos do espaço.
Querido povo circense
Aquele abraço

Neste dia também falamos sobre a questão religiosa que atravessa a escola. Isabella mostrou que em frente à escola há uma igreja evangélica frequentada por muitos estudantes e por suas famílias. A orientação religiosa, de acordo com a diretora, por vezes constitui uma resistência em relação à realização do projeto e, conseqüentemente, à participação dos estudantes. Mas ela também contou algumas das *táticas* (CERTEAU, 1994) que teceu para lidar com essa questão: conversas com as famílias, professores, apresentação do projeto e da história do carnaval, falas sobre a cultura e a sua importância.

4 O CARNAVAL E A PEDAGOGIA

4.1 O Encontro com Marilene

Quando eu fui encontrar Marilene, diretora da agremiação Corações Unidos do CIEP, fui na expectativa de encontrar o carnaval que eu conheço. As pessoas que eu conheci do carnaval, atuam nos blocos de rua. Marilene era um carnaval que eu ainda não conhecia: o das escolas de samba. Então, quando a conheci percebi que estava fora da minha zona de conforto, o que foi fundamental também para ver o quão firme e forte uma diretora de escola de samba pode ser.

Marilene me recebeu na sala dela, na sede da Prefeitura do Rio, no Setor de Educação. Nessa sala, as cadeiras eram desconfortáveis e o espaço pequeno. Comecei explicando um pouco do meu projeto e de mim e ela me escutava atentamente. Eu não levei perguntas prontas, pois queria que a nossa conversa fluísse de forma mais natural. Expliquei isso para ela também e foi o primeiro sorriso de volta que ganhei naquele encontro.

Eu estava nervosa e, com isso, acabei esquecendo de pedir para gravar os momentos da conversa. Marilene começou contando um pouco da trajetória dela até a Escola de Samba: um projeto apadrinhado por Xangô da Mangueira¹³. Marilene era professora de artes de uma escola municipal que fica dentro do sambódromo. Segundo ela, *ali era o berço do carnaval e não existia nenhuma ligação com a escola*. Enquanto algumas professoras se incomodavam com o fato de trabalharem em um local onde aconteciam os desfiles das Escolas de Samba, ela preferiu abraçar o carnaval e trazê-lo enquanto saber legítimo para seus alunos. Os estudantes faziam sambas-enredo, criavam coreografias, desenhavam e produziam fantasias, carros alegóricos e, também, desfilavam no Sambódromo. Foi muito bonito ouvir uma professora que não desistiu, que não transformou os desafios em comodidade.

Então, ela começou a falar sobre o tema do desfile de 2020. Era perceptível o quanto ela defende seu projeto e fala sobre ele com uma propriedade imensa, como se falasse de si mesma. Um dado que me chamou atenção foi quando ela contou que era importante não ter apenas um enredo, mas contextualizar aquele tema para que os estudantes pudessem desenvolvê-lo. Falar sobre o circo não era apenas falar dos palhaços e de como eles são

¹³ Olivério Ferreira, foi um sambista, cantor e compositor brasileiro. Mais conhecido por ser diretor de harmonia e intérprete oficial da escola de samba Mangueira

engraçados. Era também contar a história deles, fazer com que os crianças soubessem quem foram os primeiros palhaços, qual a importância do riso naquela época e nos dias de hoje, e debater sobre a felicidade que o circo traz com suas cores e músicas. A construção do samba-enredo não era uma coisa simples, mas uma pesquisa bastante cuidadosa e cheia de reflexão.

Foram 45 minutos conversando sobre a trajetória do projeto, as escolas envolvidas e as dificuldades atravessadas. Frases curtas e potentes que me ajudaram a compreender a importância do projeto. Quando eu disse o nome da minha pesquisa, recebi mais um sorriso da Marilene. Acredito que foi importante para ela saber que licenciandos de Pedagogia se interessam pelo trabalho que ela desenvolve. Marilene mencionou um doutorando que fez sua pesquisa com o Projeto Escola de Bamba. Falou também sobre sua filha, que produziu uma pesquisa acadêmica relacionada ao projeto e teve a oportunidade de levá-la para fora do Brasil. Percebi que o Projeto Escola de Bamba é um como um filho para Marilene. Também percebo que é um filho para quem ela quer dar asas e deixar voar. Marilene pontuou sobre as escolas municipais que se localizam ao lado de quadras de escolas de samba e de sedes de blocos, mas as crianças nunca participaram desses espaços. Falamos da importância do carnaval na cultura e que, como na atual gestão essa valorização não tem ocorrido, tem sido bastante difícil colocar o desfile na rua. Durante a conversa com Marilene, ela contou que eram realizados ensaios da bateria e que havia um barracão onde ficavam os carros alegóricos. Na mesma hora, conversei com ela sobre a possibilidade de ir conhecer e ela me disse que, quando a Isabella fosse lá ver os carros, que eu poderia ir junto. Então, entrei em contato imediatamente com a Isabella para saber quando ela iria e que eu estava autorizada a ir junto.

4.2 Conhecendo o Barracão

Isabella me mandou uma mensagem dizendo que tinha marcado com a Marilene ainda naquela semana. Então, fui me encontrar com a Isabela na prefeitura, na data marcada e ali esperaríamos o encontro com a Marilene para irmos ao barracão.

Ficamos um tempo esperando e aproveitamos para conversar. Isabella me contou que fez questão de ir ao barracão para ver os carros alegóricos. Que esse ano seria o primeiro em que os estudantes da Graciliano Ramos desfilariam em cima dos carros. Contou que também

iria tentar uma camisa para que uma responsável por uma criança com deficiência pudesse acompanhar seu filho durante o desfile. Durante esse momento, ela pontuou a importância de todos os estudantes da escola participarem. Perguntei para Isabella como ela fazia com os pais que não gostavam dos desfiles e da participação da escola nesse projeto. Ela me contou que em qualquer oportunidade, ela conta um pouco sobre a história do Carnaval, fala sobre a cultura e a importância desse projeto. Então, ela me disse que no sábado seguinte seria o dia do *sábado carioca*¹⁴, que seria feita mais uma reunião com os pais, que ela levaria uma bateria mirim para apresentação e que todas as atividades do dia teriam como temática o Carnaval.

Marilene chegou se mostrou preocupada com a idade das crianças que Isabella havia selecionado para subirem nos carros alegóricos. Ela contou sobre problemas que já aconteceram em outros desfiles, nos lembrando por várias vezes que os alunos que sobem nos carros alegóricos precisam ter mais de dez anos. Contou que uma vez eles tiveram um problema sério com o juizado de menores de Belford Roxo. Naquele momento, eu só conseguia pensar a dor de cabeça que deve ser o papel dela como diretora de uma escola de samba mirim.



19. Barracão Fonte: Arquivo pessoal

¹⁴ O programa *Sábado Carioca* compreende um conjunto de atividades, dentre elas, café da manhã, almoço e reforço escolar, ofertadas para os estudantes e suas famílias no sábado.

Chegamos ao barracão. O barracão era um lugar bastante sujo e tinha vários galos e galinhas andando nele. Tinha um homem sentado e Marilene o cumprimentou. Disse que iria ver os carros conosco. Diversas escolas de samba têm carros alegóricos, mas não consegui parar para olhar com calma, pois Marilene estava indo para o fundo do barracão com muita rapidez. Quando chegamos nos carros, eles estavam cobertos com sacolas plásticas pretas e mal conseguimos vê-los. Marilene então levantou algumas sacolas e mostrou detalhes para a Isabella. Ela disse que sua filha havia passado o mês inteiro de janeiro dedicada aos carros, que estava chovendo, mas que os carros não estavam protegidos suficientemente da chuva. Percebi um grafite lindo numa parede escrito “CIEP”. Eu considerei aquilo muito significativo e procurei se existia algum grafite com o nome das outras escolas de samba, mas não encontrei. Marilene dizia para a Isabella que ela queria que os alunos fizessem uma apresentação teatral no carro alegórico. Que não queria uma coisa simples, com crianças apenas acenando com as mãos. Ela queria que as crianças atuassem verdadeiramente. Então, ela pediu que Isabella fotografasse os carros alegóricos por dentro para ter noção dos espaços.



20. Barracão 2 Fonte: Arquivo pessoal

Nesse momento, perguntei se poderia fotografar também e Marilene não me autorizou. Mesmo assim, após sairmos, fotografei a porta. Queria pelo menos um registro além do que fiz na minha memória. Nesse dia, Isabella disse que as portas do CIEP Graciliano Ramos estariam sempre abertas para mim.

4.3 Baile de Carnaval



21. Baile de carnaval Fonte: Arquivo pessoal

O Ciep Graciliano Ramos realizou no dia 20 de fevereiro um baile de carnaval. Fui ao baile a convite da Isabella. Cheguei na escola e logo percebi Luciano vestido de super herói tentando tranquilizar um estudante que estava chorando. Caminhei pelo espaço onde estava acontecendo o baile, enquanto aguardava por Isabella. Olhei para o chão da escola, e logo vi as goteiras da escolas molhando o chão cheio de confetes.

Depois, fiquei perto do equipamento de som, onde a vice-diretora dançava funk junto com as crianças. De costas para o som, percebi que havia alguns estudantes correndo pelo jardim e brincando de pique-esconde entre as árvores, enquanto outros ensaiaram uma coreografia, que depois fui descobrir ser a coreografia que eles iriam apresentar no desfile. A escola estava toda preenchida.



22. Baile de carnaval 2 Fonte: Arquivo pessoal



23. Baile de carnaval 3 Fonte: Arquivo pessoal

Enquanto subia para encontrar a Isabella, algumas crianças estavam olhando as fotos do *Sábado Carioca* que estavam em mural da escola. Uma delas se viu em uma fotografia, e outra observava atentamente aquele mural colorido.

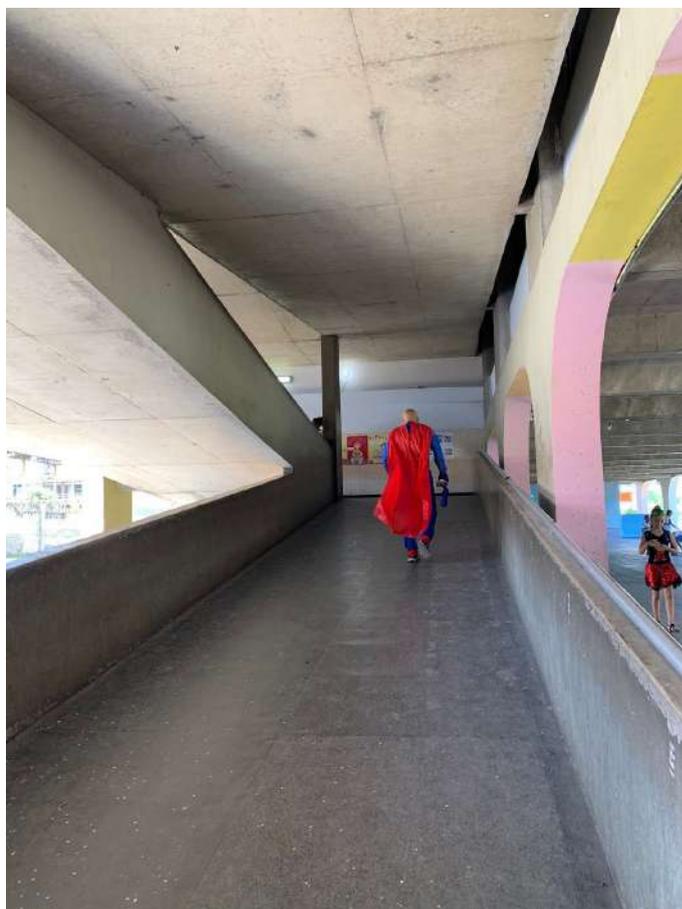


24. Baile de carnaval 3 Fonte: Arquivo pessoal

A escola estava toda decorada. Uma professora descia com algumas fantasias em seu braço e tentava descobrir quais estudantes estavam com fantasias emprestadas pela escola, pedindo para que se lembrassem de devolvê-las. Quando cheguei à direção, que estava toda enfeitada e com acessórios de carnaval, percebi que alguns adereços haviam sido confiscados (como armas e facas), e guardados na mesa da diretora.

Encontro Isabela comentando sobre a agitação do dia, dizendo que estava feliz e que era algo que não precisava ser dito pois estava estampado em seu rosto.

Mesmo assim, houve alguns percalços. Isabella me falou sobre um acontecimento que marcou o dia: um estudante com deficiência estava muito incomodado e passando por uma crise. Esse era estudante que Luciano, agente educacional, estava acolhendo na hora em que cheguei. Isabella disse que o estudante ficou triste porque uma professora abriu uma garrafa de refrigerante e bebeu na sala. Quando a criança pediu um pouco, a professora respondeu que não porque ele não merecia. Nesse momento, Isabella desabafa: *tem muita coisa legal nessa escola, mas tem pessoas que eu não consigo entender aqui. Como diz isso para um aluno?*



25. Baile de carnaval 4 Fonte: Arquivo pessoal

Durante a conversa, ouvi um grito bem alto do lado de fora da sala da direção. O clima na escola, de repente se modificou. Todo foi buscar a origem do barulho. O estudante com deficiência resolveu se trancar numa sala. Naquele momento, entendi que deveria ficar um pouco mais no canto, mesmo que ainda observando a situação. Então, a coordenadora percebendo que eu estava ali sozinha, veio falar comigo, já se desculpando por aquela “confusão” e preocupada em como eu estava. Respondi que estava tudo bem e começamos a conversar sobre a situação que acontecia ali. A partir da explicação da coordenadora, entendi que quem gritava e chorava dentro da sala de

aula, era a mãe do estudante que havia se trancado um pouco antes. O choro era alto e percebi o movimento de Luciano com o estudante e da Isabella com a mãe do aluno. A situação foi se acalmando, pela forma que Luciano e Isabella conduziam, conseguindo tanto tirar o aluno que se trancou na sala, quanto acalmar a mãe que chorava.

A coordenadora continuava conversando comigo dizendo que aquele era o fluxo, pois a escola é um lugar de movimento. *Esse é o nosso cotidiano*, ela disse. Contando um pouco mais sobre a mãe e seu filho, ela disse: *nós cuidamos do pedagógico, mas ali já é uma questão de saúde. E ele não toma o remédio.*

O movimento ficou mais intenso na sala da direção. Quando percebi, estava sozinha na sala com o estudante e a irmã dele. Esse foi o primeiro momento em que dialoguei com o menino, pois numa brincadeira com sua irmã, ele pegou uma das armas de brinquedo que estava na mesa da diretora. Isso acabou deixando a irmã assustada. Sugeri que ele brincasse com um outro item que estava na mesa. Ele me olhou, sorriu e assim o fez. Logo após, uma outra funcionária da escola entrou na sala e tirou as duas crianças dela. Por fim, Isabella entrou na sala dizendo que a mãe não aguentava mais o filho e que estava ameaçando matá-lo.

Isabella respirou fundo e retornou para a sala em que a mãe do estudante se encontrava. Decidi descer para acompanhar mais um pouco do baile e parecia que eram dois mundos diferentes. A música continuava e os estudantes curtiam aquele momento. Pouco tempo depois, as professoras começaram a organizar suas turmas e a recolher algumas decorações. Acredito que em menos de dez minutos, toda a decoração já tinha sido desfeita e o chão estava terminando de ser varrido. Não parecia que um baile tinha acontecido ali, só quando se olhava para as crianças sorridentes com suas fantasias suadas. Eu e Isabella fomos almoçar quando as coisas se acalmaram. Ela contou que a mãe do estudante foi conduzida a um hospital por uma assistente social, onde foi medicada e, em seguida, levada para casa. Isabella desabafou: *olha a família também... todos muito desequilibrados. A gente faz o que pode, mas a professora podia ter evitado tudo isso. Hoje era um dia de festa. O almoço foi rápido, pois já tínhamos que voltar para a escola. Não deu tempo para a Isabela descansar do que tinha acontecido. Ela respirou fundo e encontrou as forças que precisava. Estava quase na hora do ensaio para o desfile.*

4.4 O Ensaio



26. O ensaio Fonte: Arquivo pessoal

Chegamos na escola, com o Luciano já separando as crianças que participariam dos ensaios. Isabella chegou agitada: *não deixa fulano ir embora ! Liga para mãe de ciclano para pedir autorização.*

Luciano chamou os dois grupos que iriam compor os carros alegóricos e pediu para que eles aguardassem em uma sala.

Entrei e fiquei ali com eles. Luciano então perguntou se todos eles sabiam cantar o samba. Alguns falaram que não e outros que sim. Os que já conheciam o samba começaram a ajudar aos que não sabiam. Eles se auto-organizaram formando duplas: um ajudando o outro a decorar a letra da música. Colocaram o samba-enredo em



27. O ensaio 1 Fonte: Arquivo pessoal

uma caixa de som e todos tentavam acompanhar. Luciano saiu para auxiliar a Isabella na organização das autorizações e conferir se faltava alguma criança do grupo.

As crianças então perguntaram se eu gostaria de ver a coreografia delas. Disse que sim e fiquei assistindo. Eles começaram a dançar. Percebiam seus erros, ajudavam uns aos outros e o grupo que iria fazer outra coreografia, aplaudia e incentivava. Foi uma das coisas mais lindas que eu já havia visto dentro de uma escola. Logo depois, vendo a movimentação, um aluno apareceu na porta da sala e me perguntou se poderia participar. Respondi que ele tinha que ver isso com a Isabella. Ele então me contou que estava saindo da escola. *Tia, eu quero participar de tudo um pouco da escola, aproveitar tudo.* Um outro aluno se juntou à conversa e disse: *Tia eu queria participar, mas minha mãe disse que agora sou evangélico e que não posso.* Nesse momento, Luciano chegou. Me confessou que a religião influencia muito nessa questão do carnaval. Disse que muitos alunos sonham em desfilar e não podem.



Isabella voltou para a sala. O menino que estava interessado em participar, perguntou para ela se *para ir no carro alegórico precisa sambar?* Isabella volta essa pergunta para o grupo que iria coreografar nos carros alegóricos e todos responderam que não.

Ela começou a dançar com os dedinhos levantados para cima e todos que estavam na sala levantaram e começaram a sambar do seu jeito. Eu fiquei nos dedinhos também! E o aluno que fez a pergunta estava com seus dedinhos levantados.

Isabella então chamou todos para o auditório da escola. Confesso que fiquei muito surpresa ao descobrir como era o auditório. Eu imaginava um lugar enorme e, na verdade, era uma sala de aula adaptada e transformada em um auditório. Esse local de fato, era grandioso: dali saíram muitos prêmios de dança e de teatro. A sala era longa, com todas as cadeiras encostadas na parede e uma decoração bem bonita. Os grupos já foram se sentando, enquanto a música era ligada e era conferido se faltava alguém.

O primeiro grupo se posicionou para o ensaio. Auxiliei Isabella na lembrança da posição nos carros alegóricos, já que as fotos ficaram ruins.

O primeiro grupo é chamado carinhosamente de “meu grupo” pela Isabella, pois eles participam ativamente de todos os projetos de dança, teatro e carnaval. Começa o ensaio, as



29. O ensaio 3 Fonte: Arquivo pessoal

instruções começam e, enquanto o primeiro grupo escuta atentamente, o segundo grupo observa seus colegas. Esse momento foi incrível, eles se ajudavam, prestando muita atenção e respeitando o espaço.

Depois que o primeiro grupo ensaiou, aconteceu o intervalo. Luciano e Isabella aproveitam para ligar para um estudante que havia faltado. Ao saber que não iria participar do desfile se não fosse ao ensaio, a mãe do estudante informa que ele já estaria a caminho da escola.

Enquanto o ensaio não retomava, uma menina que parecia ter 16 anos aproximadamente, sentou-se ao meu lado. Ela estava nervosa e chorando.

Era filha da mulher que havia sido conduzida ao hospital mais cedo. Me contou que a família é desunida e que na coordenação estavam decidindo se ela poderia acompanhar o irmão no desfile, já que a mãe não fazia questão disso. *Eu que tomo conta das crianças e ninguém toma conta de mim.* Ela ficou até o final do ensaio.

O estudante que estava a caminho do ensaio, também chegou junto com a sua mãe. O ensaio do segundo grupo começou. O grupo mostrou um pouco mais de dificuldade para aprender a coreografia. Mesmo visivelmente cansada por tudo que havia acontecido naquele dia, Isabella permaneceu firme para que o ensaio acontecesse. Ela fez uma coreografia um pouco mais simples que a do primeiro grupo.

Durante o ensaio do segundo grupo, o primeiro estava sentado assistindo, Observei



30. O ensaio 4 Fonte: Arquivo pessoal

uma menina que fazia carinho na cabeça de um amigo enquanto ele dormia. Eles começaram a reclamar de calor e sede. Na semana do ensaio teve início a crise da água na CEDAE¹⁵. Havia apenas uma garrafa de água gelada. A menina pegou a garrafa e as crianças começaram a dividir a água em copos pequenos de café. Apesar de ser uma situação delicada, eu me lembrei dos desfiles de carnaval, que as garrafas de água são sempre divididas entre vários músicos da bateria. É um momento de bastante afeto e cuidado. Nesse momento, Luciano me levou até a biblioteca da escola. Isso me deixou um pouco chocada pois vi a porta era trancada.

Era ali o lugar onde ficavam guardadas as fantasias dos desfiles, dança e teatro. As roupas do desfile desse ano já estavam lá e ele foi me mostrando uma por uma. Luciano me disse que eles tiveram que colocar mais tecido em algumas, porque não estavam cabendo nas crianças. As fantasias vinham com o nome e o tamanho de cada criança: tratava-se de um cuidado muito grande que a Escola de Bamba tinha com seus componentes. Quando voltei para a sala, o ensaio já estava quase encerrando. Voltei para a casa com uma bagagem enorme de aprendizado.



31. O ensaio 5 Fonte: Arquivo pessoal

¹⁵ No início do ano de 2020, moradores do Rio de Janeiro relataram mudança na cor e sabor da água, além de um odor forte, com isso, houve uma crise no abastecimento de água.
<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/entenda-a-crise-de-abastecimento-de-agua-no-rio-de-janeiro.shtml>

4.5 O Desfile



32. O Desfile Fonte: Arquivo pessoal

Cheguei para a concentração do desfile das escolas de samba mirins, sem saber se poderia entrar na Sapucaí junto com a Corações Unidos do CIEP. Até o momento eu não tinha conseguido a camisa oficial que me permitiria a entrada junto com a agremiação. Mesmo assim, decidi participar de tudo que fosse possível. Isabella me passou exatamente onde o ônibus com as crianças da escola iria estar. Fui andando ao encontro delas e cheguei na hora exata em que as crianças desciam. A rua ainda estava aberta e deu um nervoso ver as turmas, professores, responsáveis e diretores atravessando pelos carros ou esperando eles pararem. Luciano dizia: *sejam bem-vindos!* A resposta que recebeu foi: *mas a gente já veio aqui!* Achei muito bom ver o carnaval e o desfile bem enraizado neles. Comecei a dar auxílio para a escola Graciliano Ramos e pude vivenciar aquele momento, como parte do processo, carregando bolsas e ajudando a arrumar algumas crianças.



33. O Desfile | Fonte: Arquivo pessoal

Era tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo, que foi difícil ficar parada em apenas um lugar. O tempo todo eu me movimentava junto com as crianças correndo, as professoras chamando, os responsáveis maquiando grupos de crianças, as fantasias caindo, a busca por uma sapatilha de tamanho menor, a chegada da Marilene, curiosos olhando em volta, homens da CEDAE carregando galões com água para todos. A água pelo menos estava boa! Em certo momento, ainda um pouco tonta e feliz de estar vivenciando tudo aquilo, vi Isabella e as crianças ensaiando mais uma vez. Tentei ajudar dançando junto (afinal, eu tinha ido ao ensaio e sabia um pouco da coreografia). Em determinado momento, vi Marilene chamar a Isabella e dizer: *você sabe que essa moça não vai entrar né?* Isabella respondeu que eu iria ficar na arquibancada e que estava ajudando nos bastidores. Marilene disse então que iria tentar conseguir uma camisa para mim. Continuo a desfilar pelo ambiente, buscando como poderia ajudar, parando alguns momentos para admirar. Era tudo tão incrível e ao mesmo tempo tão corrido... Em certo momento, a correria pareceu aumentar: foi um repórter de jornal que para fazer entrevistas. Foi uma confusão!



34. O Desfile 2 Fonte: Arquivo pessoal

Fui então, ficar mais próximo da entrada do portão. Nessa hora, o nervosismo aumentava, crianças se abraçavam, as professoras desejavam sorte e os familiares tiravam fotos. Aquele era o momento que tudo o que eles teceram durante um ano iria se concretizar. O GRCEM Corações Unidos do CIEP estava alinhado. Marilene e sua equipe corriam para todos os lados. O momento se aproximava e o portão abriu: era a vez deles entrarem! Desejo para Marilene um bom desfile. Vou seguindo pela lateral até onde eu fui barrada pelo segurança. Mesmo assim, deu para viver e fazer belos registros. Professores nervosos cantando bem alto, algumas crianças animadas, algumas tímidas, fantasias lindas e coloridas... foi lindo de ver! O canto do samba que eu já tinha decorado um pouco, com a voz das crianças, era arrepiante e potente.



35. O Desfile 3 Fonte: Arquivo pessoal

Por um momento fiquei triste por não participar do desfile, mas, se não fosse por isso, não teria descoberto que havia uma saída atrás das arquibancadas. Quando eu passei por essa saída, vi diversas famílias correndo para chegar até o final do desfile e pode receber as crianças. Comecei a correr junto com elas o mais rápido que pude. Depois, subi umas escadas para tentar ver o desfile de cima. Cheguei na hora em que as pessoas nas arquibancadas gritavam bastante, comemoravam e falavam palavras positivas para a Corações Unidos do CIEP. Foi muito emocionante! Quando consegui chegar ao final, o desfile já estava acabando e a parte mais me impressionou estava apenas começando: uma organização e sintonia dos

profissionais das escolas que já separavam as crianças em grupos de ônibus, arrumando-as em fileiras, enquanto outros profissionais entregavam o lanche pós-desfile. Os ônibus iam sendo chamados um por um, fotos sendo tiradas, ônibus saindo e todos comemorando ao mesmo tempo. Foi incrível ver aquilo. Falei com as crianças da Graciliano Ramos, comemoramos juntos e tirei uma foto linda deles em grupo! Agradei à Isabela e à Marilene e, em menos de 10 minutos, já não havia mais ninguém ali. Retornei para as arquibancadas para ver o desfile das outras escolas e para ver meu amigo Gustavinho desfilar. Sentei numa frisa com várias famílias e conversei com várias pessoas. Dois avós que estavam aguardando desfile do neto disseram: *isso é para colocar no sangue deles!* O avô me contou que o neto tinha dez anos. Disse que metade da família era do samba, da macumba, e a outra metade, da igreja evangélica. Contou que o menino ainda não se achou, que não sabe se é da “igreja” ou da “macumba”, mas que ele está se divertindo descobrindo isso. Terminou dizendo: *É melhor ele vir pro samba do que ir para coisa ruim!* Assim, termino a narrativa desse dia tão especial e saio com a minha bagagem ainda mais cheia.



36. O Desfile 4 Fonte: Arquivo pessoal



37. O Desfile 5 Fonte: Arquivo pessoal



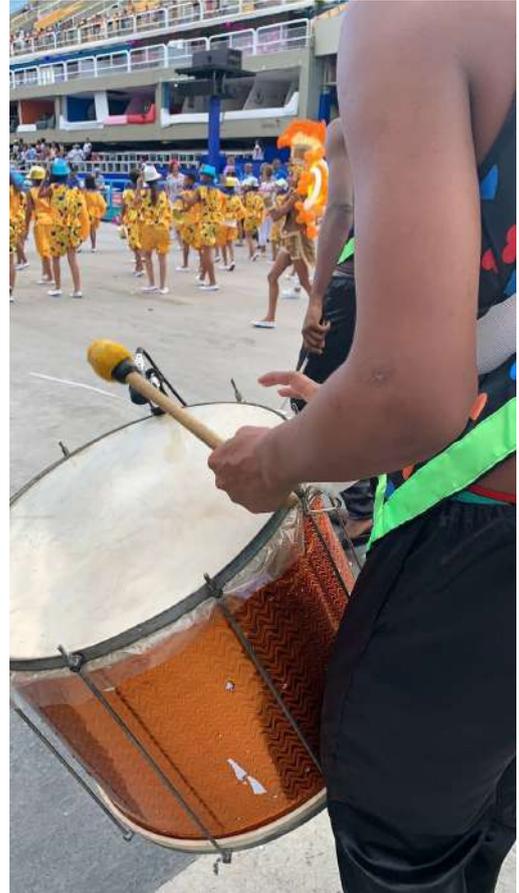
38. O Desfile 6 Fonte: Arquivo pessoal



39. O Desfile 7. Fonte: Arquivo pessoal



40. O Desfile 8. Fonte: Arquivo pessoal



41. O Desfile 9. Fonte: Arquivo pessoal



42. O Desfile 10. Fonte: Arquivo pessoal

4.6 A conversa com Clebson



43. Bandeira Pimpolhos da Grande Rio. Fonte: Wikipédia

A Cor de Coraline...

Compositores: Chalana, Edson, Matheus Almada, Rafael Baxter, André do cavaquinho e Clewinho

A Cor de Coraline
 O que é isso?
 Não sei responder
 Oh! Pedrinho
 A cor da pele vai dizer
 Minha escola mergulhou numa aquarela
 São doze cores
 Pra tingir a passarela
 O amarelo peixe ouro cor lilás
 O marciano esverdeado e demais
 Dança das ondas e minha inspiração
 No grão de areia meus versos
 O teu azul traz encanto ao meu lugar
 Netuno faz a estrela brilhar

Oooo eu sou criança inocente e tão confusa

Não sei o lápis que se usa

Sou de Caxias o meu samba dá o tom

Da cor da pele o meu lápis e marrom

Será que o mundo um dia vai evoluir

Um lápis feito só pra construir

Sem preconceito vamos dar as mãos

Lembrar que o ser humano é diferente

De mais igualdade a essa gente

Deixar falar a voz do coração

De tom em tom

Brilhou a canção

Eterno amor

Nas cores do meu pavilhão

És minha paixão é de enlouquecer

Chorei de verdade não sei descrever Coraline pintou traço exemplos de vida

Pimpolhos tão bela dá um show na avenida

Buscando *beber de todas as fontes*, comecei a participar da Escola de Carnaval do GRCEM Pimpolhos da Grande Rio. É uma escola de samba, criada em 2005, que funciona como um espaço de educação, através da arte, da cultura e do carnaval, com o objetivo de reflexão, pesquisa e produção. São diversos cursos e oficinas, oferecidos pela Pimpolhos, tais como: exposições, apresentações teatrais, produção de adereços, fantasias, etc. Durante a quarentena, as atividades educativas da escola de samba mirim não pararam. Apenas passaram a ser ofertadas de forma remota, com lives no Facebook¹⁶ e Instagram¹⁷ oficiais da Pimpolhos da Grande Rio.

¹⁶ <https://www.facebook.com/PimpolhosGR>

¹⁷ www.instagram.com/pimpolhosdagranderio

Através dessas redes, comecei a participar como aluna da Escola de Carnaval. Desta forma, pude experienciar o carnaval de um outro lugar. Durante as aulas, conheci o Professor e Carnavalesco Clebson Prates, que gentilmente aceitou ter uma conversa comigo sobre suas memórias do carnaval.

Em um primeiro momento, expliquei sobre a minha pesquisa. Clebson começou contando um pouco sobre a Escola de Samba Pimpolhos da Grande Rio. *A Pimpolhos é um celeiro de estudo. Ela acaba sendo a única verdadeira escola de samba, que trabalha com educação*, disse Clebson. Contando sua trajetória, ele disse que, quando era criança, ele tinha dois sonhos: um deles era ter uma árvore de natal e o outro, era desfilar em uma escola de samba.

Aí, eu consegui desfilar na ala mirim da Engenho da Rainha¹⁸. No segundo ano que desfilei, eu morava em São João do Meriti, e eu queria sair na Ponte¹⁹. Era difícil, porque era muita gente. No segundo ano, eu consegui sair na Ponte e nesse ano, eu comecei a ver o casal de mestre-sala e porta-bandeira dançando. Eu devia ter uns 9 anos e eu pensei: "eu quero ser isso!" Eu consegui ser mestre-sala mirim. Eu comecei a sair nas escolas de samba mirins e a primeira foi a Flor do Amanhã.

Clebson falou da importância do desfile das escolas de samba mirins ser gratuito. Havia um trabalho social com meninos em situação de rua e de comunidades carentes. Nesse trabalho social, existia uma ala para as crianças, que faziam shows, participando ora da bateria, ora como passistas. Ele lembra de que, quando acabava o show, as crianças iam sendo deixadas nas comunidades: tinha crianças de São João, de Manguinhos, mas que alguns meninos ficavam na Candelária. Triste, ele contou que uma das crianças que foram assassinadas na chacina da Candelária²⁰ participava dessa ala junto com ele. *Minha história com o carnaval mirim começou aí, através da Flor do Amanhã, porque era um desfile gratuito.*

Em seguida contou como começou a atuar como Carnavalesco das escolas de samba mirins.

Eu saía com uma turma de São João de Meriti, um bando de criança, que eu levava para assistir aos desfiles. Estava com a Clara Paixão, rainha de

¹⁸ Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Engenho da Rainha.

¹⁹ Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Ponte

²⁰ Em julho de 1993, oito jovens foram assassinados, em uma chacina que ocorreu próximo a Igreja da Candelária, localizada no centro do Rio de Janeiro.

bateria e saía todo mundo junto para assistir aos desfiles mirins Quando eu comecei a ser carnavalesco, meu sonho era começar na escola mirim. Eu comecei na Cabuçu e depois eu fui para a Mangueira²¹. Faço 7 anos como carnavalesco do carnaval.

Começamos a conversar então sobre o Observatório do Carnaval²², lugar de que Clebson agora faz parte como pesquisador. Falamos sobre a importância dele estar naquele local, pois, de acordo com ele, *seria o ponto de vista do lado do sambista, do lado do carnaval. Eu sou muito popular, mas também quero dar uma academizada no meu trabalho.* Clebson se percebe enquanto pesquisador muito antes de ser aceito em qualquer lugar da academia. Ele demonstra sua paixão pelo carnaval mirim e explica o porquê da busca pela universidade. *A gente está numa fase da conscientização da festa, do sambista preto. Eu quero me munir ao máximo para não dar mole para esse sistema maluco. Eu tenho uma paixão enlouquecida por esse segmento.* Clebson demonstra muito orgulho desse pertencimento, mas ao mesmo tempo, fala o quanto é trabalhoso e difícil promover as ações, especialmente neste período de quarentena.

Na escala hierárquica financeira, a escola de samba mirim é o grupo que menos recebe dinheiro. Não tem como você dar uma qualidade ao espetáculo com um valor tão pequeno. Eu trabalho numa escola de samba que faz projeto para ganhar dinheiro, que é o *carnaval experience*. E como vamos fazer? Vai ser muito difícil em 2021. É um mercado que vai retornar muito lento, o turismo. A gente já tinha feito todo um projeto de enredo do Pequeno Príncipe Preto, com o valor de toda a produção. Agora, com a pandemia, a gente vai dar uma segurada. Mas somos quem que menos recebe dinheiro e recurso. Mídia... mesmo tendo uma mídia televisiva, por exemplo, na Intendente tem vários prêmios, existem vários grupos que fazem mídia na internet o ano inteiro. A escola mirim não tem ninguém. Só tem a Cartilha do Samba, tem material de desfile antigo e dá para ver a discrepância. Quando a escola-mãe é do grupo especial ainda tem alguma coisa, mas tem escola que não tem nada mesmo. Depois que eu comecei a ver todos os desfiles, eu tive uma noção, um hiato na minha vida. Quando eu comecei a me profissionalizar como mestre-sala, a minha vida era só as escolas que eu estava vendo. Quando você trabalha numa escola de samba mirim, você é tudo lá dentro. Quando você trabalha com uma escola mãe, você tem várias pessoas lá dentro com você. O o carnavalesco coordena. Gente, sou eu que coloco as pessoas em cima dos carros!

Na narrativa do Clebson pude ver a demarcação política e formativa do carnaval. Ele contou também sobre a mudança que no dia do desfile das escolas de samba mirins. Antes, as crianças abriam o carnaval na Avenida Marquês de Sapucaí, na sexta-feira após a chave da cidade ser simbolicamente entregue pelo prefeito ao Rei Momo. Agora, o prefeito optou por

²¹ Grêmio Recreativo Escola de Samba Mirim Mangueira do Amanhã.

²² Projeto do Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som, situado no Museu Nacional. Estuda a produção do Carnaval das Escolas de Samba.

não participar dessa atividade simbólica e culturalmente importante para a cidade e as escolas de samba mirins desfilam na terça-feira, encerrando o carnaval. *Ir para terça-feira foi horrível, por que eles abriam o desfile!* Essa foi mais uma amostra da desvalorização das escolas de samba-mirim, assim como refletiu Clebson, muitas vezes em sua fala.

6. PEDAGOGIA DO CARNAVAL

6.1 O carnaval na/da escola é, de fato, Pedagogia



44. CIEP. Fonte: Arquivo pessoal

Quando cheguei ao O CIEP Graciliano Ramos fui buscando as interfaces entre o Carnaval e a Pedagogia. Encontrei muito mais do que isso: o CIEP, emana arte em tudo. Desde quando se conversa com a diretora até a conversa com os próprios estudantes, é nítida a ligação da escola com o teatro, com a música, com a dança e, sobretudo, com o Carnaval. Encontrei a Pedagogia do Carnaval percebendo que grande parte da escola se envolve nos projetos propostos dentro e fora da instituição.

Durante as conversas que tive com a diretora Isabella, ela contou que uma das salas de aula da escola foi transformada em um auditório improvisado para que pudesse ocorrer ensaios. Naquele espaço acontece toda a magia. Criar aquele espaço implica em muita dedicação coletiva.

Durante o baile do carnaval, era perceptível a energia das crianças dançando e ensaiando para o desfile. O desfile é tão importante para elas, que abrem mão do tempo livre para brincadeiras na escola para empenharem-se nos ensaios.

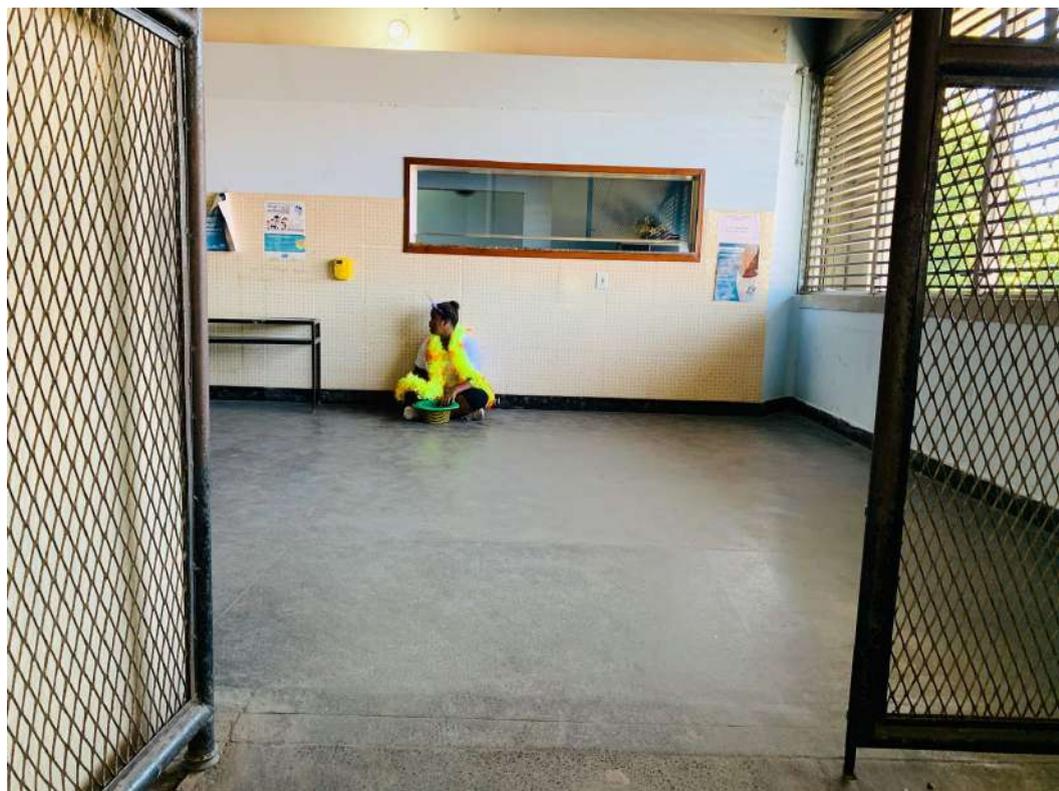
Tive muita preocupação ao longo da escrita da monografia para não romantizar a escola, nem o projeto ou nem o que eu acredito ser a Pedagogia do Carnaval. Confesso, entretanto, que a força do carnaval que experimentei na escola é tão grandiosa, que foi difícil não colocar tantas coisas incríveis que foram surgindo no caminho. É claro que há problemas para que o CIEP Graciliano Ramos chegue até o desfile. Eles existem, mas como tudo é organizado e cuidado com muita cautela e preocupação, especialmente, no que tange à logística, às questões burocráticas, às autorizações dadas pelos responsáveis, às táticas usadas pela escola para que as famílias entendam a importância de que seus filhos e netos participem do desfile, à organização das fantasias, os ensaios fora do horário da aula, senti que esses problemas acabaram virando uma sapatilha que veio no tamanho errado em relação a toda a grandiosidade do desfile.

Durante a vivência que tive, lembrei de quando estagiava em uma escola particular, e ensaiávamos as crianças paulatinamente para as danças que eram apresentadas no final do ano. Em minhas memórias, resgato que as crianças não participavam da escolha da música ou da coreografia. Algumas choravam muito no dia da apresentação. Ao contrário, ao acompanhar o CIEP Graciliano Ramos e conversar com a Marilene Monteiro, soube que as crianças tinham uma participação bem marcante na composição do desfile. Desde a escolha do tema do desfile, pesquisando e conhecendo mais sobre ele, a criação do samba-enredo, o canto coletivo representando a sua escola, a escolha do samba-enredo, até o momento de entrar na sapucaí e saber que aquele momento é deles, feito por eles, com eles e por eles.

O carnaval não está expresso nos documentos curriculares das escolas. Por isso, que quando o carnaval atravessa os muros das escolas, se instalando nas brechas, trazem para as salas de aula elementos importantes da cultura popular, onde são permitidas experiências diferentes de aprendizagem, com atividades que envolvem danças, coreografias, trabalho em equipe, organização, atenção e criatividade. Souza (2010) reflete que

ao trazer estas relações e práticas para o campo da escola, reproduzindo o trabalho e a atividade do mundo do samba com as crianças no âmbito do conteúdo escolar, o projeto proporciona ao aluno vivenciar e reconstruir seus laços de sociabilidade no espaço escolar. Sob a perspectiva da reprodução do mundo do samba na escola; é o lúdico, o lazer, a diversão misturados ao trabalho, à responsabilidade, ao desenvolvimento intelectual e social na

seguinte organização: possível identificar, ainda, as práticas experimentais da cultura e da vivência social, como ações de aproximação com a comunidade do entorno, ocasionando uma participação de qualidade na organização e desenvolvimento das atividades escolares. (SOUZA, 2010, p. 105)



45. CIEP 2. Fonte: Arquivo pessoal

As escolas de sambas são *espaçostempos* de arte, educação, cultura e resistência. Compreendidas como o lugar da liberdade e da subversão, o gosto pelo carnaval é invisibilizado nas instituições educativas. Então, quando a escola assume o carnaval como prática pedagógica, assume também uma luta cotidiana, em especial, nesses tempos em que a educação tem sido divulgada, inclusive pelas instâncias governamentais como lugar controle e proselitismo. Foi algo que vi quando a diretora Isabella contou que alguns estudantes não são autorizados a participar do desfile porque a religião da família “não permite”. Santos (2002), nos informa que alguns conhecimentos são *produzidos como inexistentes*. Tal processo invisibiliza sujeitos, saberes e culturas, que, assim como o carnaval, ingressam na escola de maneira insurgente, marginal e, desta forma, são frequentemente desconsiderados nas práticas educativas. Sobre isso, Santos (2002) nos explica que:

a primeira lógica, a lógica da monocultura do saber e do rigor científicos, tem de ser questionada pela identificação de outros saberes e de outros critérios de rigor que operam credivelmente em contextos e práticas sociais declarados não-existentes pela razão metonímica. Essa credibilidade contextual deve ser considerada suficiente para que o saber em causa tenha legitimidade para participar de debates epistemológicos com outros saberes, nomeadamente com o saber científico. (SANTOS, 2002, p.250)

O carnaval ensina. E a Pedagogia do Carnaval vai ser tecida pelas redes de relações existentes nela. Sendo assim, um espaço de formação que está entrelaçado com a história e cultura do Rio de Janeiro.

6.2 Produções (sambas de enredo, peças de teatro...)

Quando entramos na sala da direção do CIEP Graciliano Ramos, vemos uma grande quantidade de prêmios em cima dos armários. Isabella contou que a escola é uma das mais premiadas em eventos de dança e de teatro, em concursos realizados no município do Rio de Janeiro. Essa foi uma das razões da decisão de transformar uma sala de aula em um auditório. A escola incentiva atividades teatrais, de dança e audiovisuais. O estudante, mesmo não atuando em uma peça, atua na direção teatral, no roteiro, no texto, auxilia na construção dos cenários, nos figurinos e decoração do auditório. Os estudantes são protagonistas de suas próprias peças e coreografias. Eles ajudam na escolha do tema, das músicas, do roteiro e do desempenho no dia da apresentação. São roteiristas, coreógrafos, atores, cinegrafistas, entre outros.

Isabella lembra que, durante uma época, buscou professores de teatro, pois não se achava capaz de assumir esse projeto sem orientação de quem conhecesse a temática. Apesar de ser uma grande admiradora da arte e também curiosa, ela acreditava que precisava de um profissional para ocupar esse espaço. Contudo, os professores que apareceram, introduziram o teatro de uma forma teórica, vertical, com tudo preestabelecido. As crianças apenas exerciam o lugar passivo da escuta e da observação. Não podiam colocar a mão na massa ou dividir seus saberes. Então, percebendo isso, Isabella preferiu assumir com os professores e outros profissionais das escolas o projeto de teatro.

Outro momento em que a produção das crianças aflora é na “construção” coletiva do samba de enredo. Mesmo participando dos desfiles da Corações Unidos do CIEP e estando presente de diversas formas, a escola queria mais. Ter o samba-enredo produzido pelo CIEP

Graciliano Ramos cantado na sapucaí era um grande desejo da escola. Foram anos tentando e não conseguindo. O samba-enredo, segundo Isabella e Luciano, que antes era feito às pressas e sem autoria dos estudantes, nunca era escolhido para a competição. Até que, buscando entender o que faltava, a escola se deu conta de que o samba-enredo não tinha a composição dos estudantes. Faltava as impressões das crianças, as vozes, os ritmos, seus saberes, suas frases. O samba era para as crianças e ninguém melhor do que elas para mostrar o que queriam enquanto samba-enredo.

A escola então se dedicou a estudar o tema do circo e das palhaçadas. Coletivamente fizeram o samba-enredo e pediram ajuda para compositores de uma escola de samba renomada. Os compositores ofereceram algumas orientações. Um dos estudantes foi escolhido para cantar o samba-enredo no concurso. No dia em que ele que iria representar a sua escola, o menino chegou muito tímido. Tanto Isabella, quanto Luciano e Marilene contam que esse dia foi emocionante porque o estudante começou cantando baixinho na frente de todos, e, quando recebeu o incentivo e apoio, a voz saiu e ele dominou a quadra. Quando ele terminou de cantar, a comemoração já começou. Mesmo que eles não tivessem ganhado a competição, aquela experiência era uma vitória. Como sabemos, o samba-enredo vencedor de 2020 foi o do CIEP Graciliano Ramos e comemoração, que já era grande, só aumentou.

CONCLUSÕES

Como considerações finais, trago novamente a ideia de que o carnaval tem uma força cultural muito grande. Para muitos é sobrevivência, escola e trajetória de vida, como narrado pelos *praticantes pensantes* desta pesquisa. As escolas de samba mirins do Rio de Janeiro resistem porque seus participantes continuam acreditando que o carnaval é um espaço potente de formação e de aprendizado.

Segundo Bakhtin (1981, p.105) *a carnavalização se inscreve em uma visão popular, ampla e subversiva que se opõe ao que é sério, ao que é individualismo, ao que é medo e discriminação. É um espaçotempo de complexidade* (MORIN, 2005). Nas salas de aula, muitas as práticas também se inscrevem nesse contexto de complexidade enredando subversão e medo. É assim que penso na Pedagogia do Carnaval.

Com Larrosa (1998) aprendo a existência de uma *pedagogia profana*, que problematiza os discursos naturalizados nas escolas.

O discurso pedagógico dominante, dividido entre a arrogância dos cientistas e a boa consciência dos moralistas, está nos parecendo impronunciável. As palavras comuns começam a nos parecer sem nenhum sabor ou a nos soar irremediavelmente falsas e vazias. (Larrosa, 1998, p.7).

A Pedagogia do Carnaval transborda os currículos expressos, escritos, burocráticos impostos às escolas. Ela atravessa os muros das escolas, com uma educação multicultural e emancipatória. São infinitas as possibilidades pedagógicas tecidas nas redes tecidas do Carnaval com as escolas. Como já dito, o Carnaval educa, pois permite que os estudantes tenham autonomia em seu processo educativo e tem suas vozes ouvidas. Pretendo continuar estudando sobre a Pedagogia do Carnaval, mergulhando ainda mais no cotidiano das escolas de samba-mirim, sendo afetada e afetando também .

REFERÊNCIAS:

ALVES, N. **sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos**. teias: Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, jan/dez 2003

ALVES, N. G.; OLIVEIRA, Inês Barbosa de . **Imagens de escolas-'espaçotempos' de diferenças no cotidiano**. Educação & Sociedade (Impresso), Campinas/ São Paulo, v. 25, n.86, p. 17-36, 2004.

ALVES, N. G.; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Org.) . **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. 3. ed. Petrópolis: DP et Alii, 2008. v. 1. 167p .

BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Francois Rabelais** / Mikhail Bakhtin ; tradução Yara Frateschi Vieira. - São Paulo : Hucitec, 2010.

CLANDININ, D. J. ; CONNELLY, M.F. **Pesquisa narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativas**. D. Jean Clandinin, F. Michael Connelly ; tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU - 2 Edição rec. - Uberlândia: EDUFU, 2015. 250p.

FERREIRA, Felipe - **O livro de Ouro do Carnaval Brasileiro** / Felipe Ferreira. - Rio de Janeiro : Ediouro, 2004

GRIMBERG, Martine. **“Carnaval er société urbaine a la fin du XVe siècle”**. In: JACQUOT; Jean e KONIGSON, Elie. (orgs). Les fetes de la Renaaissance III. Paris: Editions du Centre National de Recherche Scientifique, 547-53, 1975

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas** / texto de Jorge Larrosa, tradução de Alfredo Veiga-Neto - 5. ed; 1.reimp. - Belo Horizonte; Autêntica Editora, 2013

LOPES, NHL. SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da História Social do Samba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 335p

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução do francês: Eliane Lisboa - Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005. 120 p

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii, 2012.

_____. **Narrativas docentes e currículos pensados/praticados: pesquisar, escrever e compreender práticas cotidianas**. Endipe, EdUECE- Livro 1 02873, 2014

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. A.; SIMAS, V. . **Pesquisa Narrativa em Três Dimensões**. In: VI CIPA (Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, 2014, Rio de Janeiro. VI CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica – Modos de Viver, Narrar e Guardar (6; 2014: Rio de Janeiro, RJ), 2014. v. 6. p. 413-425.

REIS, G. R. F. da Silva; CAMPOS, M. S. N. . **Conversas entre professores: produção de currículos nos processos de formação continuada**. Teias (Rio de Janeiro), v. 20, p. 176-190, 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa.. **Por uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências**. In: _____. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 777-823.

_____. **Um discurso sobre as ciências** / Boaventura de Sousa Santos - 5. ed. - São Paulo : Cortez, 2008

SOUZA, Maximiliano. **Educação Patrimonial e Educação Integral : experiência metodológica através da Escola de Samba Mirim Corações Unidos do CIEP**, Mestrado em Educação - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Brasil. Ano de Obtenção: 2010.